

A IGREJA DE JESUS CRISTO DOS SANTOS DOS ÚLTIMOS DIAS • NOVEMBRO DE 2001

A LIAHONA



A LIAHONA



NA CAPA

Primeira Capa: Ilustração fotográfica de Craig Dimond. Última Capa: Ilustrações fotográficas de Craig Dimond e Jed A. Clark.



CAPA DE O AMIGO

Kyu-Jin é um dos sete filhos da unida e amorosa família Cho. Ver "Cho Kwang-Jin e Cho Young-Jin de Pusan, Coréia", página 4. (Fotografia de Melvin Leavitt.)

SUMÁRIO

- 2 MENSAGEM DA PRIMEIRA PRESIDÊNCIA: PORNOGRAFIA — INIMIGO MORTAL
PRESIDENTE THOMAS S. MONSON
- 8 PALAVRAS DO PROFETA VIVO
- 16 ORDENANÇAS E CONVÊNIOS ÉLDER DENNIS B. NEUENSCHWANDER
- 24 MENSAGEM DAS PROFESSORAS VISITANTES: A MÚSICA SACRA ABENÇOA
NOSSA VIDA E NOSSO LAR
- 32 PIONEIROS EM CHYULU, QUÊNIA E. DALE LEBARON
- 39 "O ESPÍRITO FALOU POR MIM" JILL PULSIPHER JONES
- 40 VOZES DA IGREJA: "APROVEITEM TODA BOA OPORTUNIDADE"
MEU MENTOR JOAQUÍN FENOLLAR BATALLER
O LIVRO ESCONDIDO RUTH DORSETT
NÃO PRECISEI TEMER BETINA BEATRIZ SALVATIERRA DE SÁNCHEZ
ENTREGAR O RESTANTE AO SENHOR RONDIE S. RUDOLPH
COMO POLI MINHA ALIANÇA DE CASAMENTO KE TE-KUANG
- 48 COMO UTILIZAR A LIAHONA DE NOVEMBRO DE 2001

ESPECIALMENTE PARA OS JOVENS

- 7 RESISTIR À TENTAÇÃO DARRIN LYTHGOE
- 10 RETORNE COM HONRA ÉLDER ROBERT D. HALES
- 25 CLÁSSICO DE A LIAHONA: SAUDAÇÃO AOS JOVENS ÉLDER DELBERT L. STAPLEY
- 28 COMPANHEIRO JÚNIOR JOHN L. HAUETER
- 31 UM PEIXE FORA D'ÁGUA JENY WILLARDSON
- 46 O VISITANTE KEN MERRELL

O AMIGO

- 2 SAQUINHO DE HISTÓRIAS DE DOCTRINA E CONVÊNIOS CORLISS CLAYTON
- 4 FAZENDO AMIGOS: CHO KWANG-JIN E CHO YOUNG-JIN DE PUSAN, CORÉIA
MELVIN LEAVITT
- 7 A SEGURANÇA ADVINDA DE UM CONSELHO ÉLDER HENRY B. EYRING
- 8 HISTÓRIAS DO NOVO TESTAMENTO: JESUS ANDA SOBRE AS ÁGUAS;
O PÃO DA VIDA
- 12 TEMPO DE COMPARTILHAR: O PROFETA NOS DIRÁ DIANE S. NICHOLS
- 14 "A PROFESSORA DISSE QUE EU POSSO?"
JANINE MICKELSON E SHEILA KINDRED

VER PÁGINA 10



VER PÁGINA 40



VER PÁGINA 32

VER PÁGINA 2

Novembro de 2001, Vol. 25, Nº 11

A LIAHONA, 21991 059

Publicação oficial em português de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias.

A Primeira Presidência: Gordon B. Hinckley, Thomas S. Monson, James E. Faust

Quórum dos Doze: Boyd K. Packer, L. Tom Perry, David B. Haight, Neal A. Maxwell, Russell M. Nelson, Dallin H. Oaks, M. Russell Ballard, Joseph B. Wirthlin, Richard G. Scott, Robert D. Hales, Jeffrey R. Holland, Henry B. Eyring

Editor: Dennis B. Neuenschwander

Consultores: J. Kent Jolley, W. Rolfe Kerr, Stephen A. West

Administradores do Departamento de Currículo:

Diretor Gerente: Ronald L. Knighon

Diretor de Planejamento e Editorial: Richard M. Romney

Diretor Gráfico: Allan R. Loyborg

Equipe Editorial:

Editor Gerente: Marvin K. Gardner

Editor Adjunto: Roger Terry

Editor Assistente: Jennifer Greenwood

Editor Associado: Susan Barrett

Assistente de Publicações: Collette Nebeker Aune

Equipe de Diagramação:

Gerente Gráfico da Revista: M. M. Kawasaki

Diretor de Arte: Scott Van Kampen

Diagramador Sênior: Sharri Cook

Diagramadores: Thomas S. Child, Randall J. Pixton

Gerente de Produção: Jane Ann Peters

Produção: Reginald J. Christensen, Denise Kirby,

Kelli Pratt, Rolland F. Sparks, Kari A. Todd,

Claudia E. Warner

Pré-Impressão Digital: Jeff Martin

Equipe de Impressão e Distribuição:

Printing Diretor: Kay W. Briggs

Gerente de Distribuição (Assinaturas): Kris T. Christensen

A Liahona:

Diretor Responsável e Produção Gráfica:

Dario Mingorance

Editor: Luiz Alberto A. Silva (Reg. 17.605)

Tradução e Notícias Locais: Wilson Roberto Gomes

Assinaturas: Cezare Malaspina Jr.

REGISTRO: Está assentado no cadastro da DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS, do D.R.F., sob nº 1151-P209/73 de acordo com as normas em vigor.

ASSINATURAS: Toda correspondência sobre assinaturas deverá ser endereçada a: Departamento de Assinaturas de A Liahona Caixa Postal 26023, CEP 05599-970 – São Paulo, SP. Preço da assinatura anual para o Brasil: R\$ 18,00. Preço do exemplar em nossa agência: R\$ 1,80. Para Portugal – Centro de Distribuição Portugal, Rua Ferreira de Castro, 10 – Miratejo, 2800 – Almada. Assinatura Anual: 1.300\$00. Para o exterior: Exemplar avulso: US\$ 3.00; Assinatura: US\$ 30.00. As mudanças de endereço devem ser comunicadas indicando-se o endereço antigo e o novo.

Envie manuscritos e perguntas para:

Liahona, Floor 24, 50 East North Temple, Salt Lake City, UT 84150-3223, USA. Ou envie um e-mail para: CUR-Liahona-IMag@ldschurch.org

A "Liahona" (um termo do Livro de Mórmon que significa "bússola" ou "orientador") é publicada em albanês, alemão, armênio, búlgaro, cebuano, chinês, coreano, dinamarquês, esloveno, espanhol, estoniano, fijiano, finlandês, francês, haitiano, hiligaynon, húngaro, holandês, ilokano, indonésio, inglês, islandês, italiano, japonês, letão, lituano, malgaxe, marshallês, mongol, norueguês, polonês, português, quiribatí, romeno, russo, samoano, sueco, tagalo, tailandês, taitiano, tcheco, tonganês, ucraniano e vietnamita. (A periodicidade varia de uma língua para outra.)

© 2001 por Intellectual Reserve, Inc. Todos os direitos reservados. Impressa nos Estados Unidos da América.

For readers in the United States and Canada:

November 2001 Vol. 25 No. 11. A LIAHONA (USPS 311-480) Portuguese (ISSN 1044-3347) is published monthly by The Church of Jesus Christ of Latter-day Saints, 50 East North Temple, Salt Lake City, UT 84150. USA subscription price is \$10.00 per year; Canada, \$15.50 plus applicable taxes. Periodicals Postage Paid at Salt Lake City, Utah, and at additional mailing offices. Sixty days' notice required for change of address. Include address label from a recent issue; old and new address must be included. Send USA and Canadian subscriptions to Salt Lake Distribution Center at address below. Subscription help line: 1-800-537-5971. Credit card orders (Visa, MasterCard, American Express) may be taken by phone. (Canada Poste Information: Publication Agreement #40017431)

POSTMASTER: Send address changes to Salt Lake Distribution Center, Church Magazines, PO Box 26368, Salt Lake City, UT 84126-0368.

COMENTÁRIOS



"RÓTULOS"

Agradeço muito pela *Liahona* (espanhol), e especialmente pela Mensagem da Primeira Presidência intitulada "Rótulos", feita pelo Presidente Thomas S. Monson e publicada no mês de setembro de 2000. Fiquei também emocionada ao ler "Senhor, Eis-me Aqui" na seção Vozes da Igreja no mesmo número.

Margarita Salmerón Garrido,
Ramo Granada,
Distrito Granada Espanha

AJUDA E COMPANHEIRISMO

A *Liahona* (Espanhol) é maravilhosa. Ela tem-me ajudado muito em minha vida pessoal. Tornei-me uma filha e uma esposa melhor graças à leitura de seus artigos. Ainda não sou mãe, mas quando for, e certamente serei, tentarei ser a melhor mãe que eu puder. A revista está ajudando-me a preparar-me para essa responsabilidade.

Continuem fazendo esse excelente trabalho, porque há pessoas que às vezes se sentem sozinhas, e a revista, além de nos ajudar, é uma companheira.

Claudia Isabel de Lezama,
Ala Buena Esperanza,
Estaca Danli Honduras



"COMO ENCONTRAR A PAZ INTERIOR"

Gostei muito de ler o artigo "Como Encontrar a Paz Interior" da série "Linha sobre Linha" publicado na *Liahona* (inglês) de junho de 2000. Gostaria muito que vocês publicassem mais artigos sobre caridade e orgulho. As mensagens da Primeira Presidência sempre me inspiram. Elas ajudaram-me a mudar algumas de minhas atitudes. Espero que tenham ajudado outras pessoas também.

Owoseni Mojisola,
Sexto Ramo de Ibadan,
Distrito Ibadan Nigéria

DEUS TRABALHA NO CORAÇÃO DAS PESSOAS

Gosto de ler a *Liahona* (espanhol) todos os meses. Levo-a comigo para a universidade diariamente junto com meus livros, e as pessoas estão sempre pedindo que eu a empreste para verem como ela é. A revista é muito apreciada. Tento estimular o interesse das pessoas, a fim de poder falar com elas sobre a Igreja. Nem sempre elas escutam o que eu digo, mas continuo convicto da importância de pregar o evangelho. Deus trabalha no coração das pessoas. Tenho visto a *Liahona* ajudar amigos meus a permanecerem ativos na Igreja e a tornarem-se missionários de tempo integral.

Angie Herrera,
Ala Flor de Bastión,
Estaca Guayaquil Equador Pascuales

Pornografia — INIMIGO MORTAL

Presidente Thomas S. Monson

Primeiro Conselheiro na Primeira Presidência



Lembro-me de ter lido quando os lenhadores brandiram seus fortes machados e aplicaram as serras mecânicas aos majestosos e outrora vigorosos olmos que adornavam os arredores do Aeroporto Heathrow, na Inglaterra.

Consta que algumas das majestosas árvores tinham mais de 100 anos. Fica-se a imaginar quantas pessoas admiraram sua beleza, quantos piqueniques abrigaram suas sombras, quantas gerações de aves canoras encheram o ar de música saltando entre seus largos e luxuriantes ramos.

Mas os olmos patriarcais estavam mortos. Não fora resultado da velhice, nem de seguidas secas ou ventanias que ocasionalmente fustigavam a região. Seu destruidor era aparentemente muito mais inofensivo, embora mortal. Conhecemo-lo como besouro-bicudo, portador de uma doença fatal para os olmos, a doença holandesa dos olmos, que já destruiu florestas inteiras deles na Europa e América. Sua marcha mortal prossegue inexorável, tendo fracassado todos os esforços para combatê-la.

O mal começa geralmente pelo definhamento das folhas mais novas no alto da árvore. Posteriormente são infectados

os ramos mais baixos. A meio do verão, quase toda a folhagem se amarela, encrespa e cai. A vida se esvai, chega a morte. E assim, uma floresta desaparece. O besouro-bicudo cobrou seu terrível tributo.

O homem é muito semelhante ao olmo. Partindo de uma semente minúscula,

O besouro-bicudo, portador da doença holandesa dos olmos, que é fatal, destruiu imensas florestas dessa árvore. Como o besouro-bicudo, a pornografia é transmissora de uma doença mortal.



segundo um plano divino, crescemos e amadurecemos. É nossa a clara luz dos céus, as ricas bênçãos da Terra. A vida é rica, compensadora e muito bela na nossa floresta particular da família e dos amigos. Então, de repente, aparece-nos nesta geração um sinistro e diabólico inimigo — a pornografia. Como o besouro-bicudo, ela é igualmente portadora de doença fatal. Chamá-la-ei de “funesta imoralidade”.

A princípio, mal notamos que fomos infectados. Rimos e achamos graça na história imoral ou ilustração maliciosa. Protegemos com zelo evangélico os pretensos direitos dos que nos querem contaminar com obscenidades e destruir tudo o que é sagrado e precioso. O besouro da pornografia está realizando sua tarefa nefasta — minando nossa vontade, destruindo nossa imunidade e debilitando nosso anseio de elevação.



Será verdade mesmo? Essa funesta aceitação da imoralidade é, sem dúvida, muito grave. Quais os fatos? Vejamos! Ouçamos! Depois ajamos!

PORNOGRAFIA E CRIME

A pornografia é um grande negócio. É contagiosa, vicia. Estima-se que nos últimos anos, apenas nos Estados Unidos, cerca de 8 a 10 bilhões de dólares por ano foram gastos com materiais pornográficos¹ — uma fortuna desviada de fins nobres para propósitos diabólicos!

A apática aceitação da pornografia provém em grande parte da generalizada atitude pública de que se trata de crime sem vítimas e de que os recursos policiais são mais úteis em outros setores. Muitas leis e decretos estaduais e municipais são inócuos; as penalidades são leves e os altos lucros compensam os riscos.

Um estudo indica que a pornografia pode estar diretamente relacionada aos crimes sexuais. Nesse estudo, 87 por cento dos indivíduos detidos por estupro ou molestação de meninas e 77 por cento dos culpados de estupro ou molestação de meninos admitiram a utilização da pornografia, estando em sua maioria relacionada aos crimes cometidos.²

Alguns editores e redatores prostituem seus prelos imprimindo milhões de materiais pornográficos diariamente. Nada de economias — o melhor papel e o mais caprichado colorido se combinam para produzir um artigo que será lido e relido. Nem o produtor de cinema, de sites da Internet ou de programas de televisão, nem o apresentador estão livres de culpa. Acabaram-se as restrições do passado. O que vale é o pretenso realismo.

Um astro, líder atual de bilheteria, queixou-se: “Os limites da permissividade foram estendidos ao máximo. O último filme que fiz é sujo. Julguei-o sujo quando li o roteiro e continuo achando-o sujo; mas a companhia apresentou-o experimentalmente numa sessão especial e o público mostrou delirante aprovação”.

Outro artista declarou: “Os produtores de filmes, assim como os editores, estão no negócio para

ganhar dinheiro, e ganham dinheiro dando ao público o que ele quer”.

Certas pessoas procuram diferenciar o que chamam de pornografia “leve” e “pesada”. Na verdade, uma leva à outra. Quão aplicável é este trecho clássico de Alexander Pope:

*O vício é um monstro tão medonho,
Que basta vê-lo para ser odiado;
Porém, vendo-o demais, torna-se familiar;
Primeiro o suportamos, depois temos dó
E acabamos por abraçá-lo.³*

A contínua e inexorável marcha do besouro da pornografia arruína bairros inteiros, exatamente como contamina vidas humanas. Ele acabou destruindo completamente algumas regiões. Ele move-se inexoravelmente em direção

**Temos a capacidade e o encargo de sermos um
baluarte de tudo o que amamos contra
a fatal contaminação pelo besouro
da pornografia.**



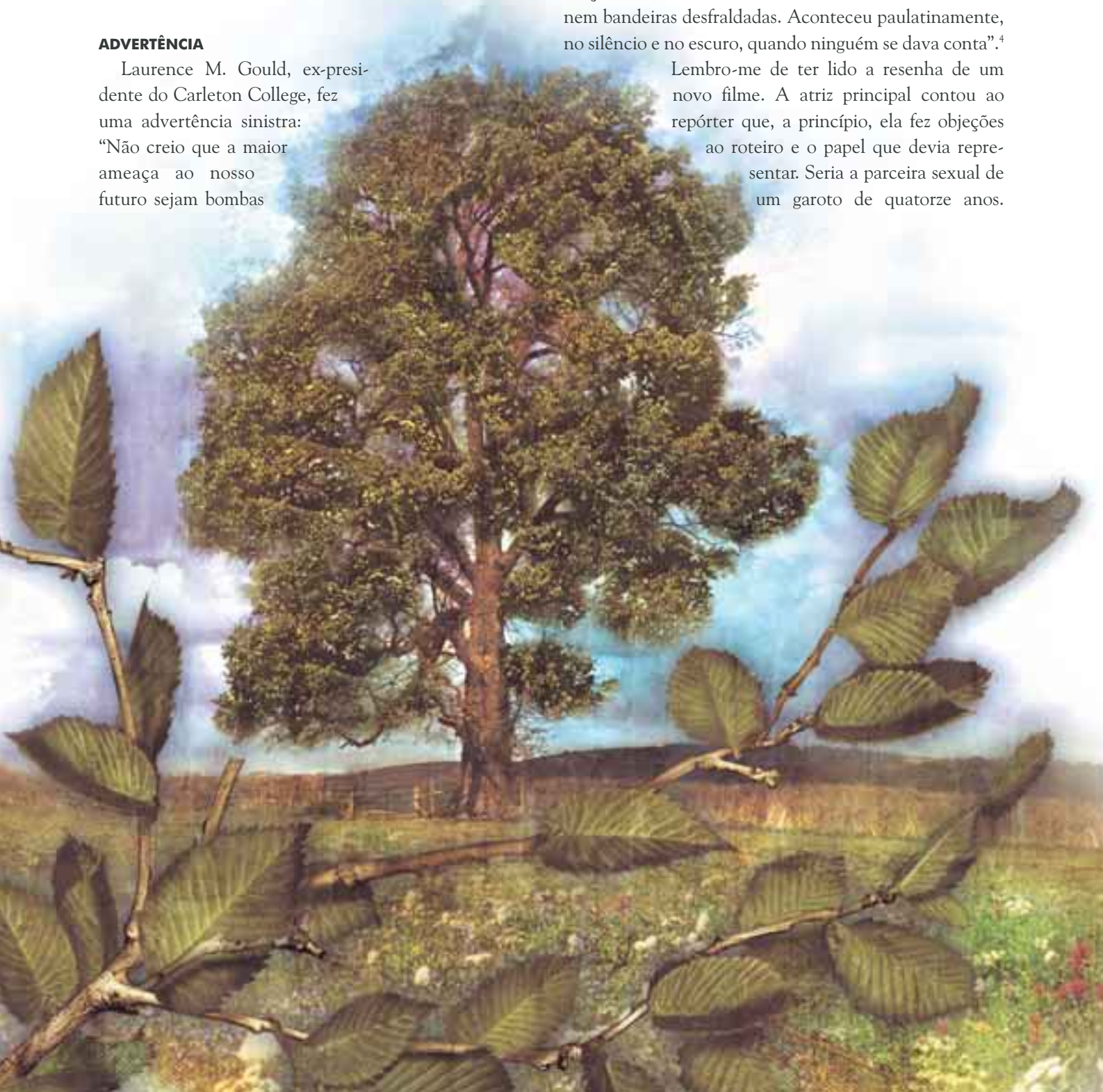
de sua cidade, seu bairro e sua família. A pornografia está hoje mais acessível do que nunca. Apertando-se apenas um botão, o mal pode ser visto em nossa casa, na televisão e na tela do computador, nos hotéis e nos cinemas, ou mesmo em nosso local de trabalho, onde freqüentemente existe acesso à Internet.

ADVERTÊNCIA

Laurence M. Gould, ex-presidente do Carleton College, fez uma advertência sinistra: “Não creio que a maior ameaça ao nosso futuro sejam bombas

ou mísseis teleguiados. Não penso que nossa civilização vá morrer assim. Penso que morrerá quando não mais nos importarmos. Arnold Toynbee [historiador inglês] ressaltou que 19 entre 21 civilizações desapareceram por causas internas, não ataques de fora. Quando essas civilizações morreram, não havia bandas de música tocando nem bandeiras desfraldadas. Aconteceu paulatinamente, no silêncio e no escuro, quando ninguém se dava conta”.⁴

Lembro-me de ter lido a resenha de um novo filme. A atriz principal contou ao repórter que, a princípio, ela fez objeções ao roteiro e o papel que devia representar. Seria a parceira sexual de um garoto de quatorze anos.



Dizia ela: “A princípio eu disse: ‘Nada feito, jamais concordarei em fazer tal cena’. Depois garantiram-me que a mãe do rapaz estaria presente em todas as cenas íntimas; então, concordei”.

Pergunto: A mãe ficaria olhando se seu filho fosse abraçado por uma serpente? Permitiria que provasse estricnina ou arsênico? Mães, o que vocês acham? E nós, pais?

Do passado longínquo, ouvimos o eco tão relevante em nossos dias:

“Jerusalém, Jerusalém, que matas os profetas, e apedrejas os que te são enviados! Quantas vezes quis eu ajuntar os teus filhos, como a galinha os seus pintos debaixo das asas, e não quiseste?”

Eis que a vossa casa se vos deixará deserta.”⁵

Hoje em dia, vemos um renascimento de Sodoma e Gomorra. Das páginas pouco lidas de poeirentas Bíblias, elas surgem como cidades reais num mundo real, trazendo uma doença nefasta — a pernicioso permissividade.

NOSSO PLANO DE BATALHA

Temos a capacidade e o encargo de sermos um baluarte de tudo o que amamos contra a fatal contaminação pelo besouro da pornografia. Gostaria de sugerir três passos específicos para nosso plano de batalha:

Primeiro, retornar à retidão. A compreensão de quem somos e do que o Senhor espera de nós irá induzir-nos a orar tanto individualmente como em família. Esse retorno revelará a eterna verdade de que “iniquidade nunca foi felicidade”.⁶ Não nos deixemos dissuadir pelo maligno. Ainda podemos ser guiados pela voz suave e mansa — infalível e todo-poderosa.

Segundo, buscar a boa vida — não a vida divertida, sofisticada e popular. Insto-os, sim, a buscar a vida eterna — a vida infinita em que mãe, pai, irmãos, marido, mulher e filhos estarão juntos para todo o sempre.

Que nosso coração seja puro, a nossa vida, limpa. Que nossas vozes se ergam e façam sentir nossa ação. Então o besouro da pornografia já não poderá seguir seu curso fatal.

Terceiro, o voto de lutar e vencer a guerra contra a pernicioso imoralidade. Ao enfrentar o maléfico transmissor, o besouro da pornografia, que o nosso estandarte leve o lema dos primeiros americanos: “Não pise em mim”.⁷

Repitamos a fervorosa declaração de Josué: “Escolhei hoje a quem sirvais (. . .) porém eu e a minha casa serviremos ao Senhor”.⁸ Que nosso coração seja puro, a nossa vida, limpa. Que nossas vozes se ergam e façam sentir nossa ação.

Então o besouro da pornografia já não poderá seguir seu curso fatal e a funesta permissividade será derrotada por uma força maior. E nós, como Josué, cruzaremos seguros o Jordão e entraremos na terra prometida — sim, a vida eterna no reino celestial de nosso Deus. □

NOTAS

1. Ver *U.S. News and World Report*, 10 de fevereiro de 1997, p. 43.
2. Ver William Marshall, “A Report of the Use of Pornography by Sexual Offenders”, 1983, Ottawa, Canadá.
3. John Bartlett, *Familiar Quotations*, 16.a edição (1992), p. 301.
4. Anúncio do Institute of Life Insurance na revista *Scientific American*, maio de 1968, p. 56.
5. Lucas 13:34–35.
6. Alma 41:10.
7. *Familiar Quotations*, p. 779.
8. Josué 24:15.

IDÉIAS PARA OS MESTRES FAMILIARES

1. A pornografia é um inimigo sinistro.
2. Temos a capacidade e o encargo de sermos um baluarte de tudo o que amamos contra a fatal contaminação pela pornografia.
3. Nosso plano de batalha inclui:
 - A compreensão de quem somos e do que o Senhor espera de nós.
 - A busca da vida eterna — a vida infinita com nossos familiares vivendo juntos para todo o sempre.
 - A pureza de coração. Que nossa vida seja limpa. Que nossas vozes se ergam e façam sentir nossa ação.



RESISTIR À TENTAÇÃO

Darrin Lythgoe

A batalha contra a tentação nunca termina, mas nem por isso devemos nos render. As idéias a seguir podem ajudá-lo a resistir mais facilmente à tentação em qualquer lugar que esteja, seja com quem for.

- Coloque dentro de sua mochila uma gravura do Salvador, uma citação das escrituras, um pôster d'A *Liahona* ou alguma outra coisa que o ajude a se lembrar dos altos padrões que você deve seguir.

- Antes de contar uma piada, imagine-se contando-a para sua mãe, para seu pai, ou mesmo para o seu bispo. Se você não se sentir à vontade, guarde a piada para si mesmo.

- Procure amigos que tenham os mesmos padrões que você. É mais fácil tomar decisões corretas quando as pessoas com quem você convive também estão tentando fazer boas escolhas.

- Se você está tendo dificuldade de levantar cedo para ir ao seminário diário, coloque o despertador bem longe de sua cama, para que você seja obrigado a levantar-se para desligá-lo.

- Reflita sempre nas consequências de seus pensamentos e ações. Pergunte a si mesmo: "Jesus Cristo faria isso?"

- Para manter a mente longe de maus pensamentos, tente cantar um hino, recitar

uma escritura, ou fazer alguma outra coisa que o distraia.

- Ore pedindo orientação e ajuda para vencer as tentações que surgirem em seu caminho.

- Leia as escrituras e vá regularmente ao seminário. Como o nosso corpo, o espírito precisa diariamente de alimento para manter-se saudável e pronto para resistir à tentação.

- Lembre-se de que o Pai Celestial não permitirá que você seja tentado além do que pode suportar. (Ver I Coríntios 10:13.) □





REFLEXÕES E CONSELHOS DO PRESIDENTE GORDON B. HINCKLEY

Palavras do Profeta

FAÇAM O QUE DEVEM FAZER

“Não se preocupem demais com o futuro nem se preocupem muito com o passado. O passado já se foi, e vocês não podem mudá-lo. (. . .) O futuro, vocês podem aguardá-lo ansiosamente, mas nem sempre há muito que possam fazer a respeito dele. Vocês têm de lidar é com o presente, por isso aproveitem toda boa oportunidade que tiverem para fazer o que devem fazer.”¹

SEJAM BONS CIDADÃOS, ONDE QUER QUE MOREM

“Devemos ser bons cidadãos, onde quer que moremos. Essa é uma de nossas doutrinas fundamentais — sermos bons cidadãos da terra em que moramos. Devemos fazer nossa contribuição para a sociedade da qual fazemos parte.”²

SER BONS VIZINHOS

“[O Senhor] espera que sejamos bons vizinhos, que sejamos bondosos com os outros e com os que não são da Igreja, que os tratemos com generosidade, amor e respeito; que quando tiverem problemas, estendamos a mão para ajudá-los, elevá-los, auxiliá-los e abençoá-los.

Perguntaram a Jesus qual era a primeira e maior lei do reino. Ele disse: ‘Amarás o Senhor teu Deus de

todo o teu coração, (. . .) [poder, mente e alma]. Este é o primeiro e grande mandamento. E o segundo, semelhante a este, é: Amarás o teu próximo como a ti mesmo’. (Mateus 22:37–39) Ora, isso não é fácil; não é fácil, mas precisamos esforçar-nos para isso, e devemos fazê-lo constantemente. Precisamos estender a mão para ajudar os outros, desse modo o respeito e o apreço deles pela Igreja aumentarão, se assim agirmos. O Deus do Céu espera que ajudemos uns aos outros, que sejamos bons vizinhos e bons amigos de todos a nosso redor.”³

CREMOS NA EDUCAÇÃO

“Cremos na educação. O Senhor deu-nos um mandamento como povo de que conheçamos as coisas da Terra, bem como as do Espírito. Ele deu-nos a obrigação de adquirirmos toda a instrução que pudermos. A educação é a chave das oportunidades para todos nesta vida. Ela pode envolver sacrifício, esforço incomum, mas com a ajuda do alto, poderemos consegui-la.”⁴

RETENÇÃO DE CONVERSOS

“Creio que o Senhor ficaria muito satisfeito se todos nos ajoelhássemos e orássemos a Ele, pedindo ajuda para trazer alguém para esta Igreja.

E depois, quando isso acontecer, vocês devem ficar bem próximos dessa pessoa, até que ela se firme na fé o suficiente para não se afastar depois de ter entrado na Igreja.”⁵

PREPARAÇÃO PESSOAL PARA AS BÊNÇÃOS DO TEMPLO

“Meus irmãos e irmãs, vocês que ainda não entraram na casa de Deus, peço-lhes com toda a força que possuo que comecem hoje a arrepender-se de seu passado e a colocar sua vida em ordem, para que possam entrar no templo e selar-se a seu ente mais querido e amado. (. . .) Confie no Senhor, e então, como servo Seu, sinto que posso prometer que Ele irá abençoá-los. As portas do templo do Senhor se abrirão para vocês, de modo que possam entrar e usufruir as preciosas e maravilhosas bênçãos, e serão selados como uma família com marido e mulher, pais e filhos, vivendo juntos com amor e respeito mútuos.”⁶

TRABALHO DO TEMPLO

“Assumimos como povo uma responsabilidade e um encargo maiores do que os de qualquer outro povo que já existiu na história do mundo. Temos a responsabilidade de levar a bênção do evangelho de Jesus Cristo a todos os que já viveram na

Vivo

Terra, a todos os que hoje vivem na Terra, e a todos os que ainda viverão na Terra. Nenhum outro povo teve uma responsabilidade assim tão grande. Deus abençoe os santos dos últimos dias fiéis que têm no coração o amor e o respeito pela grandiosa doutrina da eternidade da família e a maravilhosa doutrina do trabalho vicário pelos mortos.”⁷ □

“Temos a responsabilidade de levar a bênção do evangelho de Jesus Cristo a todos os que já viveram na Terra, a todos os que hoje vivem na Terra, e a todos os que ainda viverão na Terra.”

NOTAS

1. Entrevista para o *Deseret News*, 25 de fevereiro de 2000.
2. Entrevista para o *Church News*, 2 de novembro de 1999.
3. Reunião, Guam, 31 de janeiro de 2000.
4. Reunião, Cairns, Austrália, 26 de janeiro de 2000.
5. Conferência Regional, Oahu, Havaí, 22 de janeiro de 2000.
6. Conferência Regional, Santiago, Chile, 26 de abril de 1999.
7. Conferência, Estaca Salt Lake Jordan, 31 de janeiro de 1999.





Há leis, ordenanças e convênios que temos de compreender e cumprir ao longo da vida terrena se quisermos atingir nossa meta da vida eterna.

DETALHE DO CHRISTUS, DE BERTEL THORVALDSEN;
ILUSTRAÇÃO FOTOGRÁFICA DE JED A. CLARK

RETORNE COM HONRA

*O Pai Celestial, devido a Seu grande amor,
deu-nos mandamentos que trarão paz
e alegria a nossa vida e nos garantirão
um retorno honroso a nosso lar.*



Élder Robert D. Hales

Do Quórum dos Doze Apóstolos

Quando jovem, tive a oportunidade de servir na Força Aérea dos Estados Unidos como piloto de aviões de caça. Cada unidade do 308º Esquadrão de Combate tinha um lema para inspirá-los. Nosso

lema, “Retorne com Honra”, figurava na lateral de nossa aeronave. “Retorne com Honra” era um constante lembrete de nossa determinação de regressar honrosamente a nosso lar somente depois de termos envidado todos os esforços para concluir com êxito cada aspecto de nossa missão.

Esse mesmo lema, “Retorne com Honra”, pode aplicar-se a cada um de nós em nossa jornada rumo ao progresso eterno. Já vivemos com o Pai Celestial e depois viemos à Terra. Agora precisamos de determinação para regressarmos honrosamente a nosso lar celestial.

PROCEDIMENTOS DE EMERGÊNCIA

Durante minha formação como piloto, precisei submeter-me a um treinamento num simulador de voo. Lá, um instrutor familiarizava-nos com as emergências que podem acontecer em vôos de caças, às vezes na velocidade do som.

Para cada emergência, aprendíamos procedimentos para evitar desastres. Praticávamos cada procedimento exaustivamente; assim, caso ocorresse uma emergência

na vida real, já teríamos uma resposta pré-condicionada e automática. Saberíamos exatamente o que fazer caso acontecesse alguma falha técnica na aeronave. Até escolheríamos a altura da qual pularíamos de pára-quedas caso o avião se desgovernasse.

Em nosso esquadrão, eu tinha um amigo que era um excelente jogador de futebol americano. Anos antes, sua equipe participara de uma partida especial no Dia do Ano Novo. Diante de um estádio lotado e uma enorme audiência televisiva, sua equipe perdeu por uma margem enorme de pontos. Depois, todos ficaram sabendo que ele e alguns outros integrantes da equipe não tinham obedecido às regras de treinamento. Eles pagaram um preço elevado. Foram obrigados a amargar aquela derrota vergonhosa, que os atormentaria pelo restante da vida.

Passaram-se os anos. Dois jogadores dessa mesma equipe de futebol integravam minha unidade de treinamento aéreo. Um deles era um aluno exemplar e disciplinado e um piloto modelo que aprendera muito bem a lição com a derrota desportiva.

Contudo, o outro não aprendera a dar ouvidos às pessoas com mais conhecimento e experiência. Quando chegou sua vez de aprender os procedimentos de emergência e criar reflexos mentais e físicos, para que se tornassem automáticos e mesmo instantâneos, meu amigo colocava os braços em volta dos ombros do instrutor e dizia: “Ponha em meus registros que fiz três horas de procedimentos de emergência”. Depois, em vez de treinar, corria para o estande de tiro, o campo de golfe

O Painel de Instrumentos

Élder Robert D. Hales

Do Quórum dos Doze Apóstolos

Assim como os pilotos de avião precisam obedecer a determinadas regras para evitar desastres, há leis, ordenanças e convênios que temos de compreender e cumprir ao longo da vida terrena se quisermos atingir nossa meta da vida eterna. Assim como é importante para um aviador desenvolver respostas automáticas diante de sinais de alerta no painel de instrumentos, é ainda mais importante que aprendamos procedimentos de emergência e desenvolvamos reflexos diante de sinais de advertência que soarem em nossa vida pessoal.

Há cinco indicadores principais no painel de instrumentos.



A BÚSSOLA mostra-nos nossa posição em relação ao norte, levando em conta os efeitos do desvio magnético e dos ventos fortes que nos afastam do curso pretendido.

O Espírito Santo guia-nos na direção correta.



O ANEMÔMETRO indica-nos a relação entre a velocidade e a segurança do voo.

Precisamos seguir em frente ou poderemos perder velocidade e cair.

ou o clube dos oficiais. Assim, nunca aprendeu os procedimentos de emergência.

Certo dia, o instrutor perguntou-lhe o que faria numa situação de emergência. Ele respondeu: “Nunca vou precisar usar um pára-quedas; jamais terei uma emergência”.

Numa missão noturna alguns meses depois, o avião dele começou a pegar fogo e caiu 1.500 metros, girando, em chamas. Ao ver a luz de emergência acender-se, o piloto mais novo que estava com ele disse: “Vamos sair daqui”. Com a força centrífuga agindo sobre ele, o piloto mais novo, que tinha levado o treinamento a sério, saltou. Seu pára-quedas abriu-se de uma vez, e ele caiu em queda livre. Ao chegar ao chão, sofreu ferimentos graves, mas sobreviveu.

Já meu amigo permaneceu na aeronave e morreu na colisão. Pagou um preço elevado por não ter aprendido as lições que poderiam ter-lhe salvado a vida.

Assim como os pilotos de avião precisam obedecer a determinadas regras para evitar desastres, há leis, ordenanças e convênios que temos de compreender e cumprir ao longo da vida terrena se quisermos atingir nossa meta da vida eterna. Assim como é importante para um aviador desenvolver respostas automáticas diante de sinais de alerta no painel de instrumentos, é ainda mais importante que aprendamos procedimentos de emergência e desenvolvamos reflexos diante de sinais de advertência que soarem em nossa vida pessoal. Muitos pilotos sofreram acidentes por terem feito cálculos errados ou deixarem de ler corretamente os instrumentos de voo. Se nos recusarmos a prestar atenção aos sinais de alerta que recebermos do Espírito Santo ou os ignorarmos propositalmente, nos desviaremos do curso correto e poderemos sofrer um acidente fatal antes do retorno honroso.

Os sinais de alerta de natureza pessoal são ativados por diversos motivos. Ao nos oferecerem álcool, cigarro ou pornografia, os sinais de alerta soarão caso decidamos usar essas substâncias, e nos tornaremos escravos e limitaremos nosso arbítrio moral. Devemos estar preparados

com reflexos para rejeitar essas coisas, ou corremos o risco de perder o direito de contar com o Espírito para guiar-nos e dirigir-nos, excluindo a possibilidade de voltarmos ao Pai Celestial.

Quando Jesus foi ao deserto e jejuou durante 40 dias, Satanás tentou-O com as mesmas coisas que usa para tentar-nos: riquezas, poder e paixões. Jesus expulsou-o e ele não O tentou mais. Por meio de nossos atos, às vezes colocamos Satanás bem na nossa frente.

DESVIO DE ROTA

Aprendi sobre a vertigem quando meu instrutor levou-me para voar num avião com a cabine coberta por um pano, impedindo-me de ver o exterior. Eu teria de fiar-me nos instrumentos. Sem que eu soubesse, ele gradualmente girou o avião, colocando-o de cabeça para

Quando Jesus foi ao deserto e jejuou durante 40 dias, Satanás tentou-O com as mesmas coisas que usa para tentar-nos: riquezas, poder e paixões. Jesus expulsou-o e ele não O tentou mais.





O PONTEIRO DE COMBUSTÍVEL indica a quantidade de combustível consumida e a quantidade que ainda resta.

É preciso manter os níveis

de espiritualidade elevados por meio de uma vida pautada pelos ensinamentos de Cristo.



O ALTÍMETRO permite aos pilotos saber sua altitude para assim poderem voar acima de todos os obstáculos.

Ficar acima das coisas do

mundo ajuda-nos a evitar turbulências ou obstáculos.



O INDICADOR DE POSIÇÃO mostra-nos de maneira contínua e exata nossa posição em relação ao horizonte.

Ao mantermos a postura

correta e permanecermos nos locais corretos, voaremos no rumo certo, em linha reta, com tranquilidade.

Ao operarmos os instrumentos de vôo, precisamos ter confiança plena neles. Da mesma forma, se formos obedientes e dermos ouvidos ao Espírito Santo, reconheceremos os sinais de alerta que recebermos em nossa vida. Caso os ignoremos, o preço que pagaremos será a obstrução de nosso progresso eterno. □

baixo, mantendo as forças da gravidade a meu favor. Meus ouvidos não notaram a mudança gradativa. O instrutor disse-me que eu deveria manter o controle da aeronave. É claro que fiz o que todos os outros alunos faziam. Dei ré porque eu estava perdendo altitude e, obviamente, comecei um mergulho rumo ao solo, pois não sabia que estava de cabeça para baixo.

Quando comecei a readquirir o controle da aeronave, vi que os pequenos sinais no trem de aterrissagem estavam de cabeça para baixo. Meu instrutor ensinou-me um princípio importante: é possível girar os seres humanos alguns graus sem que eles sintam as forças gravitacionais e depois colocá-los de cabeça para baixo sem que percebam que não estão mais num vôo tranquilo e retilíneo. A mudança pode passar despercebida.

Se não tivermos cuidado, podemos sofrer vertigens espirituais. Se nos desviarmos do curso da obediência apenas dois ou três graus — algo imperceptível — podemos ficar desorientados e perder de vista nosso destino eterno, sem nem mesmo perceber como estamos longe do curso original. Então, faremos escolhas ruins. Assim como meu avião deixou, grau por grau, de realizar um vôo retilíneo, se nos afastarmos do caminho estreito e apertado, ainda que paulatinamente, poderemos ficar confusos e não mais visualizar nossos objetivos eternos.

Nosso Salvador não quer que sofram acidentes. Seu desejo é que escolhamos o curso correto que nos levará de volta ao caminho estreito e apertado que nos permitirá viver com Ele eternamente. “Vem, e segue-me”, disse Ele a nós. (Lucas 18:22) Ele concede a luz que nos conserva no caminho e nos conduzirá de volta a Sua presença.

QUEM SOMOS

Se recordarmos quem somos — filhos e filhas espirituais de nosso Pai Celestial que estão aqui para receber um corpo físico, adquirir sabedoria por meio de nossas experiências e perseverar até o fim — e para onde vamos — de volta à presença de nosso Pai Celestial — conseguiremos viver segundo o exemplo deixado por nosso Salvador.

Como pai, eu abraçava cada um de meus meninos quando eles partiam para o campo missionário e sussurrava-lhes no ouvido: “Retornem com honra”. Consigo também visualizar nosso Pai Celestial abraçando cada um de nós quando saímos de Sua presença e sussurrando: “Retornem com honra”.

Exorto todos nós a buscarmos o Pai Celestial, procurarmos Sua orientação e sermos obedientes, a fim de termos Seu Espírito conosco. Que recordemos quem somos, guardemos os mandamentos do Senhor e juntos voltemos com honra à presença de nosso Pai Celestial. É a minha oração. □

Adaptado de um sermão do Sistema Educacional da Igreja realizado em 3 de maio de 1998 na Academia da Força Aérea dos Estados Unidos em Colorado Springs, Colorado.



ORDENANÇAS E CONVÊNIOS

*As ordenanças e convênios sagrados proporcionam
uma investidura de poder divino em nossa vida.*



Élder Dennis B. Neuenschwander

Da Presidência dos Setenta

Todos temos ciência de que a missão da Igreja é “ajudar a levar a efeito a imortalidade e vida eterno do homem convidando todas as pessoas a virem a Cristo e a serem aperfeiçoadas Nele”.¹ Um dos ensinamentos

mais significativos do Salvador aos apóstolos pouco antes de Sua prisão é o seguinte, que está registrado em João: “Eu sou o caminho, e a verdade e a vida; ninguém vem ao Pai, senão por mim”.² Essa mesma doutrina foi ressaltada pelo rei Benjamim nas seguintes palavras: “Nenhum outro nome se dará, nenhum outro caminho ou meio pelo qual a salvação seja concedida aos filhos dos homens, a não ser em nome e pelo nome de Cristo, o Senhor Onipotente”.³

Essas e tantas outras escrituras, tanto antigas como modernas, confirmam a doutrina fundamental de que Jesus Cristo e Seu sacrifício expiatório constituem a essência do plano de salvação. Para um santo dos últimos dias, a doutrina da salvação apenas em nome e pelo nome de Jesus Cristo e a missão da Igreja de convidar todos a virem a Ele dizem respeito a todos que já viveram ou ainda hão de viver nesta Terra. Essa doutrina é inclusiva por natureza e não exclui nem isenta ninguém. Em resposta à pergunta de como a Igreja cumpre a missão de convidar todos a virem a Cristo, todos diríamos sem pestanejar: “proclamando o evangelho, aperfeiçoando os santos e redimindo os mortos”. E claro que não estaríamos errados. Mas numa resposta tão rápida, omitimos

algumas informações fundamentais. A resposta completa a essa pergunta deve incluir o seguinte:

Proclamar o evangelho do Senhor Jesus Cristo a toda nação, tribo, língua e povo e prepará-los para receber as *ordenanças e convênios do evangelho*.

Aperfeiçoar os santos preparando-os para receber as *ordenanças e convênios do evangelho* e instruindo-os e disciplinando-os para que alcancem a exaltação.

Redimir os mortos realizando *vicariamente as ordenanças do evangelho* por aqueles que tenham passado pela Terra.

A participação em ordenanças sagradas, tanto por nós mesmos como pelos mortos, e a fidelidade e obediência aos convênios ligados a essas ordenanças são fundamentais para o evangelho de Jesus Cristo e o processo de virmos a Ele e sermos aperfeiçoados Nele. É no papel primordial das ordenanças e convênios que eu gostaria de concentrar minha atenção.

Falando em termos gerais, tudo o que foi ordenado e estabelecido pela autoridade de Deus com a intenção de ser aplicado na vida de Seus filhos pode ser chamado de ordenança. Conseqüentemente, os



A participação em ordenanças sagradas e a fidelidade e obediência aos convênios ligados a essas ordenanças são fundamentais para o evangelho de Jesus Cristo e o processo de virmos a Ele e sermos aperfeiçoados Nele.



mandamentos, estatutos, decretos e exigências de Deus são definidos adequadamente como *ordenanças* de Deus. Restringindo um pouco o sentido, ordenanças também são atos solenes que possuem propósito, significado e sentido sagrados e muito mais específicos. Ao fazer referência às ordenanças, tenho em mente essa acepção mais restrita.

DIFERENTES VISÕES SOBRE AS ORDENANÇAS

Gostaria de fazer algumas observações gerais sobre o papel das ordenanças no mundo cristão da atualidade. Nas principais denominações protestantes, a graça e a fé assumiram total primazia como requisitos básicos, ou mesmo únicos, para a salvação. Assim, a total preponderância da graça no processo de salvação diminui ou anula o papel das ordenanças nesse processo. Ou seja, se creio que Deus decide arbitrariamente se serei salvo ou não, minha participação em ordenanças terá pouco ou nenhum efeito no final. Da mesma forma, se a fé no Senhor Jesus Cristo é o requisito básico ou único para a salvação, não há muita necessidade de participação pessoal em ordenanças. Além disso, se somente a fé for o fator determinante da salvação, é preciso lembrar que bilhões de pessoas nunca ouviram falar de Cristo nem tiveram a oportunidade de confessar Seu nome.

Se a participação pessoal nas ordenanças perde o significado, a importância da autoridade divina também se torna menos relevante. Se isso for verdade, então qualquer batismo é válido. De fato, muitas igrejas aceitam os batismos realizados por outras denominações. Conseqüentemente, o conceito da autoridade divina e a importância de administrar-se corretamente as ordenanças de salvação diminuem consideravelmente.

Em decorrência disso, podemos fazer outra observação. Quanto mais uma igreja alegar ter raízes na Igreja primitiva de Cristo e possuir autoridade apostólica, maior será a ênfase que dará às ordenanças sagradas e à autoridade divina necessária para realizá-las. Tanto a Igreja Católica, no ramo ocidental do cristianismo, como a Igreja Ortodoxa, no oriente, assumem essa posição. Cada uma afirma possuir autoridade divina e ensina a importância das ordenanças sagradas — chamadas de *sacramentos* na tradição ocidental e *mistérios* na oriental. Para eles, há essencialmente sete: o batismo, a confirmação, a eucaristia, a penitência (incluindo a confissão), a santa ordem, o matrimônio e a unção — tanto a unção dos enfermos como a extrema unção (logo antes da morte).

A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias também afirma ter origem antiga e assim confere uma importância excepcional tanto ao papel das ordenanças e convênios como à necessidade de autoridade divina para administrá-las. A terceira regra de fé ensina: “Cremos que, por meio da Expição de Cristo, toda a humanidade pode ser salva por obediência às leis e ordenanças do Evangelho”.⁴

As ordenanças sagradas e a autoridade

**O Profeta Joseph Smith ensinou:
“Não se pode alterar nem mudar as
ordenanças que foram instituídas nos
céus antes da fundação do mundo,
no sacerdócio, para redimir
os homens”.**



divina para administrá-las não começaram com a Restauração do evangelho e a fundação da Igreja moderna em 1830. As ordenanças sagradas do evangelho como requisitos para a salvação e exaltação foram “[instituídas] desde antes da fundação do mundo”.⁵ Sempre constituíram parte imutável do evangelho. O Profeta Joseph Smith ensinou: “Não se pode alterar nem mudar as ordenanças que foram instituídas nos céus antes da fundação do mundo, no sacerdócio, para redimir os homens. Todos têm de ser salvos pelos mesmos princípios.”⁶

Se não fosse assim, a salvação seria na verdade algo arbitrário e estaria restrita aos poucos que houvessem tido a sorte de ouvir sobre Jesus Cristo e acreditar Nele. É esse princípio de requisitos consistentes e inalteráveis que confere verdadeiro significado à realização de ordenanças vicárias no templo. O Profeta escreveu que o batismo pelos mortos e o registro dessas ordenanças vicárias coadunam-se com “a ordenança e preparação que o Senhor ordenou antes da fundação do mundo para a salvação dos que morressem sem conhecimento do evangelho”.⁷

Contudo, com o passar do tempo e o advento da apostasia após a Ressurreição e Ascensão de Cristo, a autoridade divina do sacerdócio e as ordenanças sagradas foram mudadas ou perdidas, e os respectivos convênios foram violados. O Senhor manifestou Seu desagrado com essa situação nas seguintes palavras:

“Pois desviaram-se de minhas ordenanças e quebraram meu convênio eterno.

Não buscam o Senhor para estabelecer sua justiça, mas todo homem anda em seu próprio caminho e segundo a imagem de seu próprio deus.”⁸

Essa situação exigia a restauração de conhecimentos

relativos à importância, significado e correta administração das ordenanças sagradas, tanto para os vivos como para os mortos, assim como a autoridade divina do sacerdócio e as respectivas chaves para administrá-las.

Passemos agora à discussão de alguns fatores que tornam a participação pessoal e digna nas ordenanças sagradas do evangelho, quando administradas corretamente, tão significativas em nossa determinação para virmos a Cristo e sermos aperfeiçoados Nele.



**Ao tomarmos o sacramento,
expressamos nossa disposição
de tomar sobre nós o
nome de Cristo, recordá-Lo
sempre e guardar
Seus mandamentos.**

UMA FORMA DE CONHECER A DEUS

Primeiramente, *por meio da participação pessoal nas ordenanças sagradas do evangelho, passamos a conhecer a Deus.* Refiro-me à seção 84 de Doutrina e Convênios, onde lemos:

“E esse sacerdócio maior administra o evangelho e contém a chave dos

mistérios do reino, sim, a chave do conhecimento de Deus.

Portanto em suas ordenanças manifesta-se o poder da divindade.

E sem suas ordenanças e a autoridade do sacerdócio, o poder da divindade não se manifesta aos homens na carne.”⁹

Nossa participação em ordenanças sagradas ensina muito acerca da ordem no reino de Deus e sobre Ele. Por exemplo, parece estranho que alguém possa entrar no templo para realizar algumas das ordenanças mais sagradas antes de receber o batismo, que é uma das ordenanças iniciais do evangelho. Existe ordem no reino de Deus, e existe ordem na maneira como aprendemos a respeito dele. A Néfi, o Senhor disse: “Darei aos filhos dos homens linha sobre linha, preceito sobre preceito, um pouco aqui e um pouco ali; e abençoados os que dão ouvidos aos meus preceitos e escutam os meus conselhos,

porque obterão sabedoria; pois a quem recebe darei mais; e dos que disserem: Temos o suficiente, destes será tirado até mesmo o que tiverem”.¹⁰

Em outra passagem, o Senhor declarou: “Aquilo que é de Deus é luz; e aquele que recebe luz e persevera em Deus recebe mais luz; e essa luz se torna mais e mais brilhante, até o dia perfeito”.¹¹

Não recebemos tudo de uma vez, mas adquirimos conhecimento das coisas sagradas gradual e progressivamente, à medida que formos dignos de tal conhecimento e obedientes a ele. Da primeira ordenança do reino — o batismo — progredimos por meio de outras ordenanças, como a confirmação e a ordenação ao sacerdócio. E todas elas conduzem às ordenanças mais sagradas, que são realizadas no templo. Nossa participação nessas ordenanças sagradas do evangelho disciplina nosso conhecimento do reino e assim revela a natureza de Deus para nós.

As ordenanças sagradas e o conhecimento de Deus estão intimamente relacionados. Portanto, quais são algumas coisas que aprendemos sobre Deus ao participarmos das ordenanças que Ele instituiu? Tomemos o exemplo do batismo. O batismo por imersão é para a remissão dos pecados. Alguém que tenha se arrependido sinceramente de seus erros e que com toda sinceridade de coração receber o batismo, saberá que Deus não só tem o poder de perdoar e retirar o peso da culpa ligada ao pecado, mas que efetivamente o faz. Essa pessoa sabe, por experiência própria, algo a respeito de Deus e Seu magnífico poder e bondade. A única maneira de verdadeiramente saber essas coisas é por meio da participação digna na própria ordenança do batismo.

O batismo abre as portas do reino de Deus, por meio das quais precisamos passar não apenas em estado de

pureza, mas também com a certeza de que Deus perdoa. Pode-se dizer o mesmo a respeito de todas as outras ordenanças sagradas do evangelho. Depois de algum tempo e,

por meio da obediência, progredimos até chegarmos às ordenanças do templo, onde nossas convicções se fortalecem para que nossos relacionamentos mais preciosos não sejam afetados pela morte. Esse conhecimento nós recebemos ao participarmos das ordenanças que têm por objetivo ensinar-nos tais coisas. Não é possível conhecê-las de outra forma. O Profeta Joseph Smith ensinou o seguinte acerca de conhecermos a verdade sagrada e essencial por meio de nossa participação nas ordenanças sagradas: “A leitura das experiências alheias, ou as revelações dadas a *outras* pessoas, jamais poderão dar a *nós* um entendimento de nosso estado e de nossa

verdadeira relação com Deus. O conhecimento dessas coisas tão-somente se pode obter pela experiência, mediante as ordenanças que Deus estabeleceu para esse propósito”.¹²

Como as ordenanças sagradas revelam a ordem existente no reino de Deus de maneira progressiva, nossa participação nelas proporciona-nos um conhecimento da personalidade e caráter de Deus que não pode ser adquirido de nenhuma outra forma.

PORTA DE ENTRADA PARA CONVÊNIOS

Segundo, *as ordenanças sagradas do evangelho são a porta de entrada para convênios sagrados com Deus*. As ordenanças e convênios não podem ser bem compreendidos se dissociados uns dos outros. Por meio das ordenanças, fazemos convênios e, por meio deles, recebemos as ordenanças. Embora possa haver ordenanças que possuam convênios vinculados a elas — como a bênção



Da primeira ordenança do reino — o batismo — progredimos por meio de outras ordenanças como a confirmação e a ordenação ao sacerdócio.

dada às crianças para dar-lhes um nome, a unção dos enfermos ou as bênçãos de consolo — não há nenhum convênio eterno que não esteja ligado a uma ordenança. Nossos importantes passos em direção a Deus são precedidos por ordenanças sagradas e governados pelas condições dos convênios associados a essas ordenanças.

Talvez convenha agora fazer apenas um comentário sobre a natureza dos convênios. Os convênios eternos nos são oferecidos somente por Deus. Ele é o autor de

todos esses convênios, assim como o único que possui autoridade e poder para garantir sua validade além desta vida.

“E tudo que existe no mundo, quer seja ordenado por homens, por tronos ou principados ou poderes ou coisas de renome, sejam quais forem, que não for por mim nem pela minha palavra, diz o Senhor, será derrubado e não permanecerá depois que os homens morrerem; nem na ressurreição, nem depois da ressurreição, diz o Senhor vosso Deus.”¹³

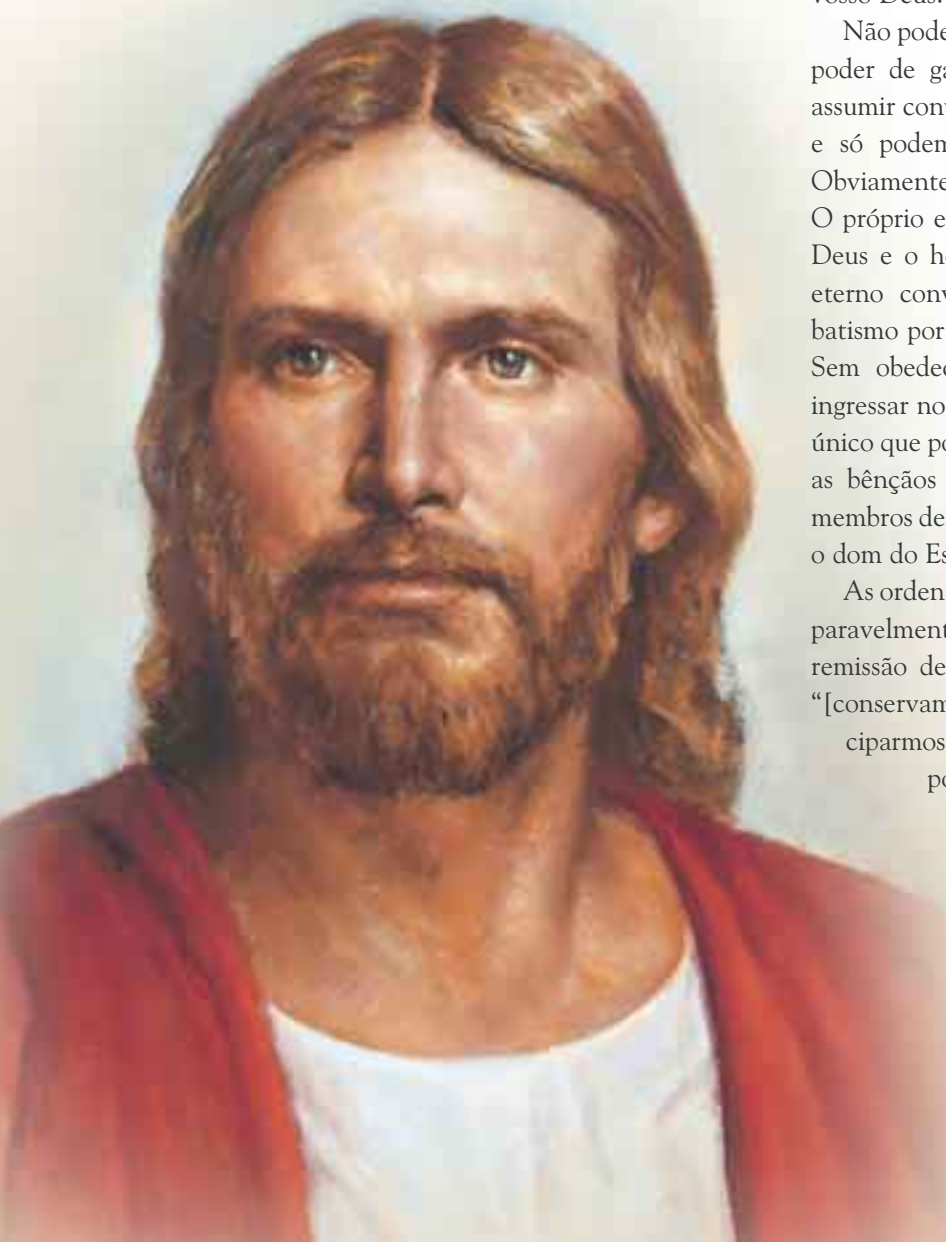
Não podemos criar tais convênios porque não temos o poder de garanti-los. Conseqüentemente, só podemos assumir convênios que nos sejam oferecidos por Deus — e só podemos fazê-lo da maneira ensinada por Ele. Obviamente, os exemplos disso são numerosos e óbvios. O próprio evangelho é o novo e eterno convênio entre Deus e o homem. Só podemos ingressar nesse novo e eterno convênio de uma única forma: por meio do batismo por imersão para a remissão de nossos pecados. Sem obedecer a essa ordenança, não podemos nem ingressar no convênio nem receber as bênçãos. Deus é o único que pode conceder o perdão dos pecados e conferir as bênçãos decorrentes do batismo e da condição de membros de Seu reino. É claro que essas bênçãos incluem o dom do Espírito Santo.

As ordenanças do batismo e do sacramento estão inseparavelmente ligadas. Por meio do batismo, recebemos a remissão de nossos pecados. Por meio do sacramento, “[conservamos] (. . .) a remissão” dos pecados.¹⁴ Ao parti-

ciparmos do batismo e do sacramento, concordamos, por convênio, que estamos dispostos a tomar sobre nós o nome de Cristo, guardar Seus mandamentos e recordá-Lo sempre.

Em ambos os casos, segundo nossa

**O próprio poder da Expição
é ativado por meio das ordenanças
do evangelho que são realizadas
sob as chaves do sacerdócio.**



obediência às ordenanças, Deus concede-nos a promessa, ou convênio, de que teremos Seu Espírito conosco. Ao compreendermos a natureza do convênio e vivermos de acordo com suas exigências, a própria ordenança terá mais vida e significado.

O Senhor fez a seguinte pergunta: “Ou receberei de vossas mãos aquilo que não determinei?”¹⁵ A devida autoridade para realizar uma ordenança sagrada do evangelho é tão essencial para a validade da ordenança como a ordenança em si é para o convênio que a acompanha. O Salvador disse a Joseph na Primeira Visão: “Eles se aproximam de mim com os lábios, mas seu coração está longe de mim; ensinam como doutrina os mandamentos de homens, tendo *aparência de religiosidade*, mas negam o seu poder”.¹⁶

A “aparência de religiosidade” pode referir-se às ordenanças comuns a tantas igrejas cristãs, como o batismo, o sacramento e o casamento. Elas podem guardar semelhanças externas, mas sem a autoridade do sacerdócio e o respectivo convênio, a ordenança não tem poder. Se eliminarmos a autoridade do sacerdócio e o convênio ligado à ordenança, resta-nos apenas a “aparência de religiosidade”.

UMA INVESTIDURA DE PODER DIVINO

Terceiro, *as ordenanças sagradas proporcionam uma investidura de poder divino em nossa vida*. Em sua conversa com Pilatos, o Salvador disse: “O meu reino não é deste mundo”.¹⁷ Inúmeras escrituras ensinam-nos que há uma inimizade natural entre o mundo e o reino de Deus. Uma das coisas que distingue o reino de Deus é seu senso de santidade. O mundo pode ter apenas um senso das coisas seculares. A participação digna nas

ordenanças sagradas do evangelho transforma nossa vida e traz-nos bênçãos e poder que não poderíamos desfrutar de outra forma. O próprio poder da Expição é

ativado por meio das ordenanças do evangelho que são realizadas sob as chaves do sacerdócio. A remissão dos pecados é concedida por meio da ordenança do batismo. A confirmação traz consigo a promessa da companhia constante do Espírito Santo. A ordenação ao Sacerdócio de Melquisedeque abre o caminho para que “todo homem (. . .) fale em nome de Deus”¹⁸ ao ensinar, abençoar e consolar os outros. A participação digna nas ordenanças sagradas do templo revela nossas possibilidades eternas e permite-nos atingi-las. O Presidente Brigham Young (1801–1877) ensinou o seguinte a respeito da investidura do templo: “Sua

investidura é o recebimento de todas as ordenanças da casa do Senhor que são necessárias para que possamos, depois de terem deixado esta vida, caminhar de volta à presença do Pai, passando pelos anjos que estão de sentinela”.¹⁹

Uma das ordenanças mais belas, ainda que mais comuns, do evangelho é o sacramento. Participamos dela literalmente milhares de vezes no decorrer de nossa vida. Contudo, por causa de sua presença constante em nossas reuniões sacramentais, podemos facilmente perder de vista seu significado sublime. Ao tomarmos o sacramento dignamente, podemos receber semanalmente uma investidura de poder divino em nossa vida.

Gostaria de usar uma escritura que normalmente citamos no contexto do batismo, mas que também se aplica de maneira maravilhosa à reunião sacramental:

“E aconteceu que [Alma] lhes disse: Eis aqui as águas de Mórmon (pois assim eram chamadas); e agora, sendo que desejais entrar no rebanho de Deus e ser chamados



A participação digna nas ordenanças sagradas do templo revela nossas possibilidades eternas e permite-nos atingi-las.

seu povo; e sendo que estais dispostos a carregar os fardos uns dos outros, para que fiquem leves;

Sim, e estais dispostos a chorar com os que choram; sim, e consolar os que necessitam de consolo. (. . .)

(. . .) O que vos impede de serdes batizados em nome do Senhor?”²⁰

Não se trata de uma descrição perfeita da reunião sacramental? Não devemos todos ir a essa reunião chorando por nossos pecados e dispostos a chorar com as outras pessoas pelo mesmo motivo? A promessa do Salvador no Sermão da Montanha é que aqueles que choram serão consolados. Isso ocorre durante a administração do sacramento. Acho que é por isso que vamos à reunião sacramental. Ao tomarmos o sacramento, expressamos nossa disposição de tomar sobre nós o nome de Cristo, recordá-Lo sempre e guardar Seus mandamentos. Por Sua vez, Deus faz convênio de que sempre teremos conosco Seu Espírito. O Espírito Santo é o Consolador. Ao chegarmos à reunião sacramental com profundo pesar por nossos pecados, poderemos sair consolados e com nossos pecados perdoados. Seria de surpreender, então, que aqueles que se afastam dessa ordenança sagrada também se distanciem do convênio ligado a ela?

As ordenanças sagradas são ordenadas por Deus. Elas são essenciais para nossa salvação e exaltação. Por meio das ordenanças sagradas do evangelho, aprendemos acerca de Seu reino e acerca Dele, fazemos convênios sagrados e eternos e recebemos uma investidura de poder divino em nossa vida. Todas essas coisas nos aproximam de Cristo para que nos aperfeiçoemos Nele.

Presto testemunho de que podemos vir a Cristo e ser aperfeiçoados Nele ao participarmos dignamente das ordenanças sagradas estabelecidas por Deus e instituídas antes mesmo da fundação do mundo. Testifico do sacrifício expiatório de Jesus Cristo e do poder salvador de Seu santo nome. □

De um discurso devocional proferido na Universidade Brigham Young em 27 de outubro de 2000.

NOTAS

1. A Missão de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias.

2. João 14:6.

3. Mosias 3:17.

4. Regras de Fé 1:3.

5. D&C 124:33.

6. *Ensinamentos do Profeta Joseph Smith*, sel. por Joseph Fielding Smith (1976), p. 300.

7. D&C 128:5.

8. D&C 1:15–16.

9. D&C 84:19–21.

10. 2 Néfi 28:30.

11. D&C 50:24.

12. *Ensinamentos do Profeta*

Joseph Smith, p. 316; grifo no original.

13. D&C 132:13.

14. Ver Mosias 4:11–12.

15. D&C 132:10.

16. Joseph Smith — História 1:19; grifo do autor.

17. João 18:36.

18. D&C 1:20.

19. *Ensinamentos dos Presidentes da Igreja: Brigham Young* (1997), p. 302.

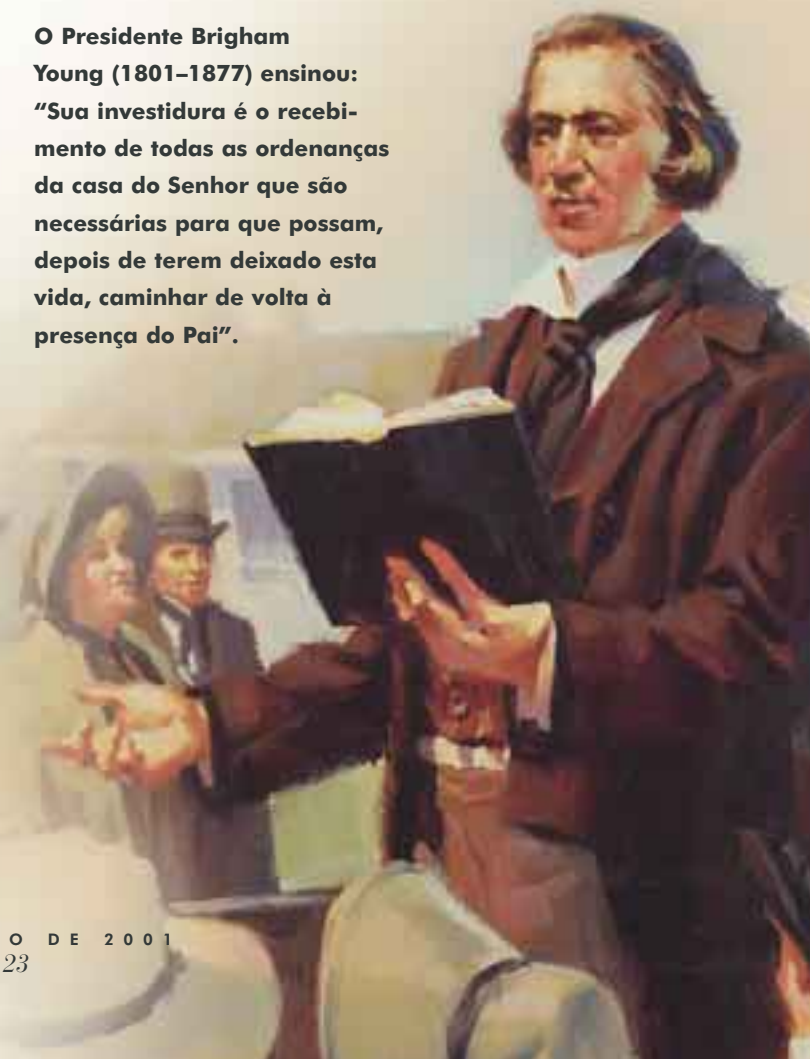
20. Mosias 18:8–10.

Há mais informações sobre o assunto em “O Povo do Convênio do Senhor”, capítulo 15 de *Princípios do Evangelho*. (31110 059)

O Presidente Brigham

Young (1801–1877) ensinou:

“Sua investidura é o recebimento de todas as ordenanças da casa do Senhor que são necessárias para que possam, depois de terem deixado esta vida, caminhar de volta à presença do Pai”.



A MÚSICA SACRA ABENÇO A NOSSA VIDA E NOSSO LAR

A Primeira Presidência reconhece o valor da música sacra. “Os hinos convidam o Espírito do Senhor”, escreveram eles. Em nossa vida pessoal, “[os hinos] podem elevar nosso espírito, dar-nos coragem e induzir-nos a agir com retidão. Podem encher nossa alma com pensamentos celestiais e trazer-nos paz.” Quando ensinados e cantados em casa, podem “trazer um espírito de beleza e paz às famílias e [...] inspirar o amor e a unidade entre seus membros”. (Prefácio da Primeira Presidência, *Hinos*, pp. ix-x)

FONTE DE FORÇA PESSOAL

Como a música sacra abre o nosso coração para receber a influência do Espírito Santo, ela é um dos meios usados pelo Pai Celestial para abençoar-nos e fortalecer-nos. Uma irmã que enfrentava sérios problemas de saúde passou anos sentindo dores constantes. Alguns anos atrás, precisou submeter-se a alguns exames médicos longos e dolorosos. “Cantei mentalmente todos os hinos da Primária de que conseguia me lembrar”, contou ela. “A dor não sumiu, mas tive força para enfrentá-la até o fim.”

O Élder Boyd K. Packer, do Quórum dos Doze Apóstolos, observou que a música saudável pode também ajudar-nos a resistir à tentação de ter pensamentos impuros: “O que fazer nessas ocasiões,

em que o palco de sua mente é comandado pelos pensamentos impuros? (. . .) Usem seu hino [preferido] como recipiente de seus pensamentos. (. . .) Assim que a música principiar e a letra tomar forma em sua mente, os pensamentos indignos fugirão envergonhados”. (“Inspiring Music — Worthy Thoughts” [“Boa Música, Bons Pensamentos”], *Ensign*, janeiro de 1974, p. 28)

A MÚSICA SACRA DENTRO DO LAR

A música sacra tem um extraordinário poder de ajudar-nos a aprender e viver os princípios do evangelho. Pediram a uma irmã que falasse aos jovens de uma classe do Seminário sobre a música da Igreja. Sua primeira pergunta aos jovens foi a seguinte: “Que lições vocês aprenderam na Primária?” Ninguém respondeu. Depois perguntou se conseguiam lembrar de algum hino da Primária. Vários jovens ergueram a mão e mencionaram diversos hinos. A irmã escreveu alguns princípios do evangelho no quadro-negro e, abaixo de cada princípio, os títulos de vários hinos da Primária. Os jovens entenderam rapidamente que a música ensina princípios do evangelho e que os hinos, bem como as mensagens que transmitem, permanecem por muitos anos na memória.

No lar onde a música sacra é usada para ensinar os princípios do

evangelho há condições mais propícias à influência do Espírito Santo. Esta é uma das razões pelas quais a Primeira Presidência deu o seguinte conselho aos pais: “Ensinem seus filhos a amarem os hinos. Cantem-nos no Dia do Senhor, nas noites familiares, durante o estudo das escrituras e na hora de orar. Cantem enquanto trabalham, enquanto brincam e [. . .] viajam juntos. Cantem hinos como canções de ninar a fim de edificar a fé e o testemunho de seus pequeninos”. (*Hinos*, p. x)

Ao enchermos nossa vida e nosso lar com as músicas de Sião, “[serviremos] ao Senhor com alegria”. “[Entraremos] diante dele com canto.” (Salmos 100:2) □



ILUSTRADO POR SHERI LYNN BOYER DOTY

SAUDAÇÃO AOS JOVENS

Élder Delbert L. Stapley (1896–1978)

Do Quórum dos Doze Apóstolos



Em 1869, o Presidente Brigham Young (acima) estabeleceu o que um dia viria a tornar-se a organização das Moças, na época chamada de Sociedade de Refreamento. Essa sociedade começou com membros da família do Presidente Young (abaixo).

Tentem visualizar a cena de quando em 1869 o Presidente Brigham Young estabeleceu a organização das Moças, chamada naquela época de Sociedade de Refreamento. Ele estava perturbado com o fato de suas filhas envolverem-se demais com interesses a atividades do mundo. Preocupava-se com o desenvolvimento espiritual e intelectual delas e com o apego cada vez maior às coisas materiais, o consumismo e a vaidade exacerbada entre os membros mais jovens da Igreja. As filhas dele pareciam refletir



essa tendência geral que ele observara entre as jovens de Sião, cujos principais interesses eram os rapazes, as festas, o teatro, o esqui no gelo, os passeios de charrete, os piqueniques e as roupas.

Na condição de presidente da Igreja e ex-governador do Território de Deseret (que depois de tornou o Estado de Utah), Brigham Young sentia-se pessoalmente responsável pelo bem-estar moral e social de todos os residentes do território.

Os rapazes não pareciam constituir um problema imediato, uma vez que muitos estavam adquirindo instrução formal, estudando as escrituras e preparando-se para servir como missionários. Outros estavam ocupados em atividades agrícolas e industriais — construindo casas, lojas, capelas, estradas e trabalhando na edificação do templo.

Já as jovens auxiliavam a família dentro do lar, realizando inúmeras tarefas domésticas e cuidando dos doentes.

Os pensamentos do Presidente Young voltaram-se para suas próprias filhas. Ele estava ciente de suas





O Presidente Young pediu às jovens que “[se refreassem e se abstivessem] de tudo o que [fosse] ruim e sem valor e [se aperfeiçoassem] em tudo o que [fosse] bom e belo”.

necessidades de aperfeiçoar as virtudes femininas e as qualificações para uma vida mais plena e abundante.

Ele pediu à irmã Eliza R. Snow que avisasse toda a família. Todos deveriam reunir-se na Lion House, pois ele tinha assuntos importantes para apresentar-lhes. Aquela reunião na confortável sala foi memorável. Depois da oração familiar, o Presidente Young pediu aos filhos homens que se retirassem, bem como as filhas mais novas. Olhou ao redor de si, viu o belo rosto de suas filhas mais velhas e disse: “Toda Israel está com os olhos voltados para minha

família e observa o exemplo de (. . .) meus filhos. Por esse motivo, desejo pôr ordem primeiro em minha própria família e organizá-la numa sociedade para a promoção de hábitos de ordem, frugalidade, industriiosidade e caridade e, acima de tudo, desejo que refreiem as extravagâncias no vestir, (. . .) no falar, pois vocês são culpadas de palavras levianas e pensamentos frívolos. Refreiem-se e abstenham-se de tudo o que for ruim e sem valor e aperfeiçoem-se em tudo o que for bom e belo”. (Susa Young Gates, *History of the Young Ladies’ Mutual Improvement Association* [1911], pp. 8–10)



ACIMA: À ESQUERDA: FOTOGRAFIA DE RICHARD M. ROMNEY; ABAIXO, À ESQUERDA: ILUSTRAÇÃO FOTOGRÁFICA DE DEREK ISRAELSEN; ACIMA, À DIREITA: ILUSTRAÇÃO FOTOGRÁFICA DE JED A. CLARK; ABAIXO, À DIREITA: ILUSTRAÇÃO FOTOGRÁFICA DE MAREN E. MECHAM.



A palavra *refrear* não é tão comum nos dias de hoje. Eis alguns sinônimos que encontramos no dicionário: conter, moderar, suster.

Assim, a última frase da citação torna-se mais significativa. “Refreiem-se e abstenham-se de tudo o que for ruim e sem valor e aperfeiçoem-se em tudo o que for bom e belo.”

DESAFIO ACEITO

Com os sentimentos divididos, as filhas de Brigham Young aceitaram o desafio. Eliza R. Snow registrou as palavras dele e posteriormente as resoluções que viriam a reger a organização. Ela sabia que, como profeta de Deus, ele organizara a Sociedade de Refreamento por meio de inspiração divina, não só para sua própria família, mas para o benefício e bênção de todas as jovens da Igreja.

Elas não tardaram a imbuir-se do espírito do programa e envolveram-se, empenhando-se para tornarem-se “dignas de imitação”. Menos de um ano depois, as jovens de todo o Vale do Lago Salgado estavam realizando reuniões em salões, escolas e capelas.

PROGRAMA PARA OS RAPAZES

Ao ver a Sociedade de Refreamento abençoar toda a comunidade mórmon, Brigham Young passou a preocupar-se com o bem-estar geral dos rapazes da Igreja, principalmente nos meses de inverno, quando

dispunham de mais tempo livre. Naquela época, a estrutura social era bastante simples. Havia bem poucas opções no campo dos esportes ou diversões comerciais, e ele sentia que os rapazes também precisavam envolver-se em algum programa de valor. Junius F. Wells recebeu a incumbência de organizar sociedades entre os rapazes da Igreja que visassem ao aperfeiçoamento mútuo. Isso levou à criação da Associação de Melhoramentos Mútuos dos Rapazes. Algum tempo depois, a Sociedade de Refreamento passou a chamar-se Associação de Melhoramentos Mútuos das Moças, nome pelo qual foi conhecida até recentemente.

Brigham Young explicou: “Nossa religião está alicerçada no aperfeiçoamento; ela não é restritiva nem limitadora, mas propõe-se a alargar a mente dos filhos dos homens e levá-los a um estado de inteligência que honrará nosso ser”. (*Deseret News*, 15 de junho de 1864, p. 294) □

Adaptado de um discurso da conferência geral de outubro de 1969.



O Presidente Brigham Young explicou: “Nossa religião está alicerçada no aperfeiçoamento; (. . .) propõe-se a alargar a mente dos filhos dos homens e levá-los a um estado de inteligência que honrará nosso ser”.

COMPANHEIRO

Eu queria ser um bom mestre familiar, mas meu companheiro. . .

John L. Haueter

Que diferença poderia fazer um rapaz de catorze anos nas visitas de um mestre familiar? Eu era só um garoto. Quem era eu para dizer a um élder que fizesse suas visitas? Não apenas um élder, mas um élder que eu nunca vira antes, nem mesmo na Igreja. As únicas coisas que eu sabia a seu respeito eram seu nome e de que ele tinha sido atleta.

Três meses antes, chamaram-me para ser companheiro júnior numa dupla de mestres familiares, mas eu nunca havia visitado ninguém. O fato de meus dois melhores amigos já serem mestres familiares ativos de nada ajudou. Um foi designado com o pai e o outro com um membro da presidência do quórum de élderes. Meu pai servia no bispado, mas não estava designado como mestre familiar naquela época. O que um companheiro de catorze anos poderia fazer?

Meu sentimento de culpa surgiu por causa do irmão Jensen. Ele fora meu consultor do quórum dos diáconos e ensinára-nos a importância das visitas de mestres familiares. Explicou também que, como professores no Sacerdócio Aarônico, era nosso dever ser um exemplo como mestres familiares. Ele nos advertiu que talvez tivéssemos que lembrar um companheiro sênior de fazer as visitas e incentivá-lo.

Bom, pensei comigo, minhas alternativas eram muito simples. Eu poderia esperar que meu companheiro me telefonasse e fazer o melhor possível para não me sentir culpado — ou eu poderia ir até sua casa, apresentar-me e incentivá-lo a fazer as visitas.

Por um lado, ele era o companheiro sênior. Era de se esperar que tomasse a iniciativa. Será que eu não estaria sendo muito autoritário se entrasse em contato com ele? Talvez ele se sentisse ofendido. *Melhor esperar*, pensei. Então, lembrei-me das palavras do Élder Jensen.

“Se o seu companheiro não entrar em contato com você”, disse ele, “então procure-o e mostre-lhe que você está pronto para fazer as visitas.” Ele explicou que se o companheiro sênior ainda assim não quisesse fazer as visitas, a responsabilidade recairia sobre ele. Até que eu fizesse o esforço de ir, eu também seria responsável.

Finalmente decidi que entraria em contato com meu companheiro e me apresentaria a ele.

Naquele domingo, na Igreja, comecei a ficar cada vez mais nervoso. O que meu companheiro acharia disso? Começaria a rir? Talvez ficasse zangado e me mandasse ir embora. Eu achava que não conseguiria falar com ele, mas tinha assumido o compromisso de tentar. Se ele respondesse negativamente, pelo menos eu teria feito minha parte.

Ao aproximar-me de sua casa, fiz um esforço consciente para continuar andando e ofereci uma oração muito simples e direta: *Senhor, por favor, me ajude*. Por um momento, meu medo desapareceu, subi rapidamente as escadas e bati à porta. Eu sabia que alguém atenderia porque parecia que estavam dando uma festa. O medo começou a voltar, mas era tarde demais para sair correndo.

A porta se abriu, e uma mulher perguntou-me o que eu queria. Ela podia ter sido educada, grosseira, simpática

JÚNIOR



ILUSTRAÇÕES DE ROGER MOZKUS

NOVEMBRO DE 2001

Raramente deixamos de fazer uma visita durante os dois anos em que fomos companheiros. Também tornamo-nos grandes amigos.

ou seca. Não sei, porque estava tentando desesperadamente lembrar-me do propósito de estar ali.

“O irmão Johnson está?” perguntei afinal, com timidez.

“Só um minuto, por favor.” Pensei ter ouvido risos, mas não tinha certeza. Não tive nem tempo de respirar, e um homem muito alto apareceu à porta. Ele não me pareceu muito sociável.

“Pois não?” disse ele.

Tenho certeza de que ele percebeu que eu estava com medo porque começou a sorrir um pouco. Acalmei-me somente o suficiente para fazer mentalmente uma pequena oração, naquele último e cruciante momento.

“Meu nome é John”, comecei eu numa voz que não parecia denotar medo, “e sou seu companheiro de visitas de mestre familiar. Gostaria de saber quando poderíamos fazer nossas visitas.”

Não sei se foi engraçado ou se isso o surpreendeu, mas ele não me mandou embora. *Comecei bem*, pensei comigo.

Ele sorriu e disse: “Qual é o seu telefone? Eu ligo para você.”

Fui para casa sentindo-me muito bem. Fiz um grande esforço, e se ele não ligasse, eu poderia dizer que tentei. Quando cheguei em casa, contei a meus pais o que acontecera. Acho que eles não esperavam que eu recebesse um telefonema.

Mais tarde, naquela mesma noite, o irmão Johnson, meu companheiro, telefonou-me.

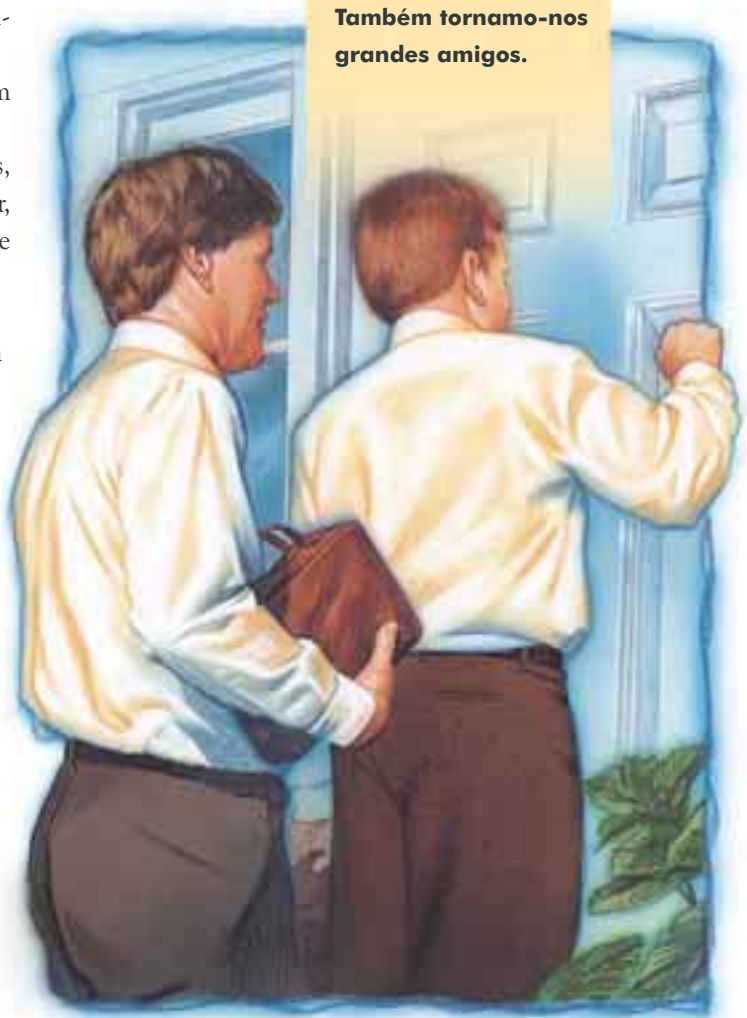
“Podemos fazer nossas visitas na terça à noite, às 7h?” perguntou ele.

“Ah... Claro”, gaguejei.

“Tudo bem. Eu passo na sua casa, então. Até lá.” E desligou.

Na terça à noite, saímos para fazer nossas visitas. Soube mais tarde que ele tinha telefonado ao presidente do quórum de élderes depois que saí de sua casa, no domingo, para pegar os nomes das famílias que estavam designadas para nós. Depois, marcou as visitas.

Criamos uma rotina. No terceiro domingo de cada mês, eu deveria passar na sua casa e depois sairíamos para



fazer as visitas marcadas. Raramente deixamos de fazer uma visita durante os dois anos em que fomos companheiros. Também tornamo-nos grandes amigos. O irmão Johnson até foi à Igreja algumas vezes. Dizia que queria ver se o presidente do quórum iria desmaiar ao vê-lo.

Aprendi duas lições importantes: Primeiro, um portador do Sacerdócio Aarônico pode exercer uma grande influência benéfica nas visitas de mestres familiares. Segundo, um membro menos ativo pode ser um dos mestres familiares mais dedicados da ala.

Como mestre familiar, o irmão Johnson ensinou-me muitas coisas. □

John L. Haueter é membro da Ala Sego Lily, Estaca Sandy Utah Central

UM PEIXE FORA D'ÁGUA

Todos nós gostamos de nos sentir à vontade num grupo, mas nesta ocasião, fiquei feliz por ter me sentido como um peixe fora d'água.

Jeni Willardson

ILUSTRAÇÃO DE SCOTT SNOW

Há pouco tempo, como jogadora de futebol, fui convidada para fazer uma viagem para conhecer uma universidade em outro estado, a fim de decidir se gostaria de estudar lá.

Enquanto estive nessa universidade, algumas garotas que já faziam parte da equipe de futebol resolveram mostrar aos visitantes como era a vida na faculdade; por isso, levaram-nos a uma festa. Não era o tipo de festa que eu costumava ir. Todos estavam bebendo e fumando.

Um rapaz na festa anunciou que todos os visitantes tinham que ficar no centro de uma roda, pois ele passaria uma garrafa de bebida para nós para que bebêssemos.

Como eu não tivesse nem mesmo tocado na garrafa, ele disse: “Não vai nem provar?”

“Não, obrigada”, respondi.

Ele continuou a me atormentar por alguns minutos.

No decorrer da festa, senti-me bem pouco à vontade e quis ir embora. Finalmente, fomos.

No dia seguinte, ao ver a conferência geral, ouvi o Élder Richard G. Scott, do Quórum dos Doze Apóstolos, dizer: “Seja grato por sua vida reta não permitir que você seja aceito por aqueles com quem você não deve conviver”. (*A Liahona*, janeiro de 1999, p. 81) Sou grata por viver de tal maneira que me senti pouco à vontade naquela festa. Senti-me como um peixe fora d'água; ainda bem. Agradeço por ter decidido há muito tempo que jamais beberia nada alcoólico. Essa decisão ajudou-me num momento difícil. □

Jeni Willardson é membro da Ala 212 da BYU, 19ª Estaca da Universidade Brigham Young



Não era o tipo de festa que eu costumava ir. Fiquei feliz por sentir-me como um peixe fora d'água.

PIONEIROS

em Chyulu, Quênia

E. Dale LeBaron



No alto das montanhas a sudeste de Nairóbi, o evangelho está florescendo entre o povo de Chyulu, Quênia.



Crianças limpando o local de reuniões (acima) antes das reuniões de domingo em Chyulu, Quênia (à direita).

Há algum tempo, fui à África na condição de professor de História da Igreja na Universidade Brigham Young a fim de coletar narrativas orais. Minha visita a Chyulu, Quênia, foi uma experiência inesquecível. A viagem fora penosa. O trajeto de 240 quilômetros desde Nairóbi levou cinco horas; levamos uma hora e meia só para percorrer determinado trecho de 20 quilômetros.

Chegamos no domingo e fomos ao local de reuniões uma hora antes do início da programação da Igreja. Era uma cabana rústica de cerca de 4,5 metros de largura e 9 metros de comprimento. As laterais eram feitas de capim entrelaçado entre uma estaca e outra, e o teto era feito de folhas de palmeira e ferro-velho. Ao lado da cabana havia uma pequena placa manuscrita que dizia: “RAMO SUD DE CHYULU”. Na entrada, um enorme arbusto quase impedia a passagem. Ficamos surpresos ao ver cerca de 20 crianças entre cinco e doze anos de idade chegando ao local de reuniões. Sem a supervisão de adultos, elas varreram o chão de terra batida com pequenos galhos de árvore a fim de removerem a sujeira acumulada desde a última reunião. Além disso, limparam e arrumaram os bancos de madeira tosca.

Pouco depois, começaram a chegar as famílias. A música provinha de uma fita cassete com hinos tocada num gravador a pilha. Todos cantavam e as crianças comportavam-se com muita reverência. A classe de adultos da Escola Dominical reunia-se dentro da cabana, e a Primária e demais classes reuniam-se ao ar livre nas redondezas. Uma jovem de doze anos era a professora de uma classe de cerca de 30 crianças da Primária, que participavam entusiasmadamente da aula. Era o domingo de jejum e testemunho, e os testemunhos e orações eram em suaíli — a língua materna dos membros — ou inglês. O Espírito era muito forte em ambos os idiomas.

O Presidente Gordon B. Hinckley disse o seguinte a respeito de cenas assim: “Os dias de pioneirismo na Igreja ainda estão em curso; eles não terminaram com a chegada dos carroções e carrinhos de mão. (. . .) Toda vez que o evangelho entra num país, há pioneiros que



FOTOGRAFIAS DE DALE LEBARON, EXCETO QUANDO INDICADO EM CONTRÁRIO

participam do início desse trabalho.”¹ Esse espírito de pioneirismo permanece muito vivo na África. Desde a revelação de 1978 que estabeleceu que “todo homem da Igreja fiel e digno poderia receber o santo sacerdócio”², a Igreja na África presenciou um crescimento fenomenal tanto em termos numéricos³ como na fé dos membros.

PRIMEIROS CONVERSOS DO QUÊNIA

A Igreja no Quênia começou a criar raízes quase 20 anos antes de ser reconhecida oficialmente pelo governo. Na década de 1970, muitos quenianos interessados



**Crianças de Chyulu
reunidas na Primária em
julho de 1992.**

freqüentavam as reuniões da Igreja realizadas na casa de santos dos últimos dias estrangeiros que estavam morando no país. O primeiro converso queniano, Elizaphan Osaka,

um ex-ministro, sua esposa Ebisiba e seus dois filhos foram batizados em 1979. Em 1980, o casal missionário formado pelo Élder Farrell e a Sísiter Blanch McGhie chegou ao Quênia, e um ano depois o Distrito Nairóbi Quênia foi organizado com dois ramos. Em 1983, dois irmãos, Benson e Nickson Kasue, tornaram-se os primeiros missionários de tempo integral chamados do Quênia. Eles serviram na Missão Califórnia Los Angeles e na Missão Washington D.C., respectivamente.

Durante esse período, o governo queniano negou-se a conceder reconhecimento oficial à Igreja e, em julho de 1989, ordenou a retirada de todos os missionários estrangeiros da Igreja. Apesar desses contratemplos, a

Igreja continuou a crescer. Nessa época, Joseph Sitati, um engenheiro de Nairóbi, foi o primeiro queniano chamado para servir como presidente de ramo.

Esse tipo de crescimento, impulsionado principalmente pela fé e pelo trabalho dos membros pioneiros locais, é típico em todo o mundo. Como disse o Presidente Thomas S. Monson quando era Segundo Conselheiro na Primeira Presidência: “Em todos os lugares em que o evangelho foi pregado e o número de membros da Igreja cresceu, sempre houve inicialmente um período pioneiro. O Senhor levanta tanto pioneiros silenciosos como dinâmicos e atuantes para preparar o alicerce de força para a futura organização da Igreja. Muitas vezes, essa força começa com uma única família”.⁴

Julius e Sabina Kasue de Chyulu são dois dos primeiros conversos do Quênia. Ambos tinham recebido uma formação cristã e estudado a Bíblia. Em 1981, quando residia em Nairóbi, capital do Quênia, Julius foi apresentado à Igreja por Dennis Child, um santo dos últimos dias que estava trabalhando lá. Julius sempre lia o Livro de Mórmon e os folhetos missionários e discutia-os com o irmão Child. Julius recorda: “Foi ao ler o Livro de Mórmon pela segunda vez e orar a respeito que senti um ardor no peito”.⁵ Embora tivesse um testemunho da verdade, Julius esperou quatro anos para ser batizado, em fevereiro de 1986. Sua esposa, Sabina, foi batizada no mês de novembro seguinte. Pouco depois do batismo, o irmão e a irmã Kasue saíram de Nairóbi e voltaram para Chyulu, onde haviam nascido.

OPOSIÇÃO AO CRESCIMENTO DA IGREJA

Pouco depois da chegada dos Kasues a Chyulu, foi organizado um ramo, e o irmão Kasue foi chamado como presidente. A Igreja cresceu rapidamente sob sua direção, e vários líderes religiosos e comunitários ficaram abismados quando seus fiéis os abandonaram para filiarem-se à Igreja. Logo passou a haver grande oposição à Igreja e seus membros.

Como a Igreja ainda não fora reconhecida oficialmente pelo governo queniano, o fato de mais nove adultos congregarem-se numa reunião da Igreja constituía um ato ilícito. Depois que algumas pessoas

registraram queixas, o Presidente Kasue foi preso e permaneceu detido durante doze horas. Ele suspeitava que sua prisão se devia em grande parte a David M. Maluti, um importante líder religioso e comunitário que já se opusera ferrenhamente ao trabalho do Presidente Kasue na Igreja. Contudo, quando suas divergências vieram a público, o sr. Maluti decidiu pôr fim àquela situação. Curioso para saber como um homem inteligente e respeitado como o Presidente Kasue podia seguir a Igreja, ele começou a fazer perguntas sobre a Igreja. Devido ao posicionamento antagônico assumido anteriormente pelo sr. Maluti, o Presidente Kasue não ficou convencido da sinceridade de suas intenções e mostrou relutância em responder às indagações; contudo, concordou em enviar alguns livros que “falariam por si mesmos”.

O sr. Maluti leu o Livro de Mórmon, Doutrina e Convênios e outros livros da Igreja e ficou impressionado, mas o que mais o tocou foi o folheto *O Testemunho do Profeta Joseph Smith*. Leu-o pelo menos quarenta vezes. Enquanto estava estudando sobre a Igreja, o sr. Maluti assistiu a uma reunião pública em que se fizeram acusações contra a Igreja. Ele defendeu a Igreja com fervor e prestou testemunho aos presentes. Ao terminar de pronunciar-se, foi aplaudido entusiasticamente. Seis meses depois de conhecerem-se, o Presidente Kasue e o sr. Maluti tornaram-se grandes amigos, e o sr. Maluti foi batizado e chamado como líder da obra missionária do ramo.

RECONHECIMENTO OFICIAL E UMA MISSÃO

O Presidente Kasue, a esposa e os filhos, bem como muitos outros, jejuaram e oraram para que a Igreja fosse reconhecida oficialmente no Quênia. “Às vezes, quando eu orava e esquecia de pedir o reconhecimento da Igreja no país”, recorda o Presidente Kasue, “meus filhos me lembravam e diziam: ‘Ah, pai, o senhor não pediu o reconhecimento da Igreja’. Meus filhos tinham forte fé.” Quando o governo finalmente concedeu o reconhecimento em 1991, muitos choraram, oraram e jejuaram para agradecer.

Oito meses depois, quando o Quênia foi dedicado para a pregação do evangelho, o Élder James E. Faust, do Quórum dos Doze Apóstolos, disse: “Somos gratos porque, depois de longos anos de espera, foi estabelecida uma missão para a proclamação do evangelho. Que a obra avance com firmeza e solidez”.⁶

O Presidente Kasue conseguiu imediatamente uma cópia do documento que reconhecia a Igreja e levou-a ao vice-líder da aldeia de Chyulu a fim de garantir os direitos de operação legal da Igreja. Agora os santos podiam reunir-se sem temer, e o número de membros logo chegou a 40. Eles precisavam de um local para reunirem-se, mas ainda não fora estabelecida uma missão e eles não tinham uma capela. Os

Julius e Sabina Kasue, conversos pioneiros, foram batizados em 1986. O irmão Kasue foi o primeiro presidente do ramo de Chyulu.





Devido à falta d'água em Chyulu, os preparativos para esses batismos constituíram um enorme desafio. Um caminhão trouxe um tanque d'água e os irmãos do ramo passaram cinco horas bombeando e transportando água ao longo de seis quilômetros.

membros construíram uma pequena cabana no terreno do Presidente Kasue.

Em julho de 1991, foi criada a Missão Quênia Nairóbi com Larry Brown como presidente. Pouco depois, ele e a Síster Brown fizeram uma visita a Chyulu. “Embora a viagem tenha sido penosa, valeu a pena!” diz o Presidente Brown. “Lembro que a reunião sacramental foi realizada na cabana, mas estava chovendo e o piso estava molhado. Antes de ajoelharem-se para abençoar o sacramento, os portadores do sacerdócio colocaram um saco velho no chão coberto de lama. Em nossa segunda visita, quando olhei para as bandejas do sacramento, vi que havia apenas duas bolachas de água e sal. (. . .) Eles partiram as bolachas. Havia 63 pessoas presentes, e eu achei que aqueles biscoitos jamais seriam o bastante, mas foram. Foi como o milagre da multiplicação dos pães!”⁷

ÁGUA PARA OS BATISMOS

Muitas pessoas da região de Chyulu desejavam unir-se à Igreja, mas devido ao isolamento geográfico, os líderes da missão resolveram limitar o número de membros até o desenvolvimento de liderança local suficiente. Entre aqueles que vinham à Igreja semanalmente havia dois homens de outra aldeia. Eles iam de bicicleta e a viagem demorava duas horas, tanto a ida como a volta. Quando eles pediram para ser batizados, bem como outras pessoas, o Presidente concordou, mas abriu exceção apenas para eles e a família deles. Contudo, como as aldeias africanas costumam ser formadas por famílias grandes, com vários parentes e agregados, 40 conversos radiantes apresentaram-se para o batismo.

Devido à falta d'água em Chyulu, os preparativos para esses batismos constituíram um enorme desafio. O Presidente Brown e um casal missionário haviam feito uma árdua viagem de Nairóbi a Chyulu de caminhão, trazendo roupas batismais e um tanque d'água para fazer as vezes de pia batismal. Em Chyulu, os irmãos do ramo passaram cinco horas bombeando e transportando água ao longo de seis quilômetros de “estradas extremamente difíceis”. Os irmãos ajoelharam-se na água perto das bordas do tanque para que a profundidade fosse suficiente para cada um dos candidatos ser imerso. Depois do batismo, os membros novos prestaram testemunho.

Expressaram profunda gratidão pelo evangelho, especialmente uma irmã que já freqüentava a Igreja havia dez anos. Eles cantaram hinos de louvor e, debaixo de chuva, viajaram para casa já depois do anoitecer.⁸

Algum tempo depois, foi criado um ramo para atender à aldeia daqueles membros novos, e eles precisavam de uma capela. Como não havia estradas para a aldeia, os membros tiveram que carregar manualmente, morro acima, todos os materiais de construção nos últimos dois quilômetros até o terreno da capela.

O Élder Byron J. Gilbert, um missionário, conta que, em 1992, ele e sua esposa, Emma, viajaram de Nairóbi a Chyulu para ensinar e entrevistar oito candidatos ao batismo, mas 75 pessoas compareceram à palestra. Durante as reuniões da Igreja, eles tiveram que encher três vezes as bandejas do sacramento.⁹ Outra missionária, a Síster Linda Leavitt, que serviu em Chyulu por mais de um ano, disse que muitos que desejavam unir-se à Igreja esperavam três meses para entrar numa lista de espera para receber as palestras missionárias. No decorrer desse período de três meses, todos freqüentavam a Igreja e a maioria obedecia à lei do dízimo, guardava a Palavra de Sabedoria e orava.¹⁰

A sede de conhecimento do Presidente Kasue e outros líderes da Igreja de

Chyulu contribuiu para a fortalecimento da Igreja aqui. Quando o Presidente Brown convidou todos os líderes do sacerdócio para participar das reuniões de liderança do sacerdócio em Nairóbi, não esperava que os irmãos de Chyulu comparecessem, devido à distância e aos custos da viagem. Contudo, onze irmãos de Chyulu chegaram bem cedo na manhã da reunião. Eles haviam caminhado 20 quilômetros para pegar um trem à meia-noite e viajado a noite inteira. Assistiram às reuniões de liderança durante o dia e alguns deles precisaram de intérpretes. À noite, hospedaram-se na casa de membros. No dia seguinte, voltaram para Chyulu, externando profunda gratidão pelo privilégio de terem participado das reuniões.

COLHEITAS E CONVERSOS

Esses foram os primórdios da história da Igreja em Chyulu, e os membros foram grandemente abençoados. Presenciei o início de tal bênção ao terminar minha visita em julho de 1992. Quando nos preparamos para ir embora, o Presidente Kasue perguntou se poderia ir comigo a Nairóbi. Mencionou que precisava conversar com o Presidente Brown, mas não demonstrou nenhum sinal de preocupação. No dia seguinte, o Presidente Brown informou-me que havia uma seca tão grave na região de Chyulu que algumas pessoas estavam quase passando fome. Fiquei chocado. Nenhum dos membros havia reclamado disso em particular ou nos testemunhos no domingo e tampouco me havia pedido ajuda.

O Presidente Brown tomou providências imediatas. Com a aprovação da Presidência de Área, conseguiu que milho, arroz e feijão fossem entregues em Chyulu para minorar o sofrimento das pessoas. Um casal missionário, o Élder Ted e a Síster Jaclyn McNeill, empreendeu a árdua viagem. Por causa do tamanho do caminhão e da carga pesada, oito irmãs ficavam à frente do veículo, tirando enormes pedras vulcânicas do caminho. A chegada dos mantimentos foi saudada com gratidão e alegria. A Síster McNeill recorda: “Nunca vi pessoas tão felizes por receberem algo. Elas sabiam que aquilo lhes salvaria a vida”.

O Presidente Kasue conversou com cada família para avaliar suas reais necessidades. Então, ele e a esposa



David M. Maluti opunha-se publicamente ao ramo de Chyulu até ler as escrituras e o folheto *O Testemunho do Profeta Joseph Smith*, o que o deixou impressionado. Ele adquiriu um testemunho, foi batizado e tornou-se um líder na Igreja.

passaram a noite inteira fazendo mingau e levando para os membros que estavam fracos demais para sair da cama. A Sísiter McNeill conta: “O Espírito lá estava tão forte que choramos só de ver como o Presidente e a Irmã Kasue estavam tratando da situação”.

A fim de evitar circunstâncias semelhantes no futuro, a Igreja estabeleceu um projeto agrícola de cultivos resistentes à seca em terrenos da Igreja em Chyulu. O programa estava sob a direção dos líderes do sacerdócio, incluindo Joel K. Ransom, agrônomo de Idaho e primeiro



O povo de Chyulu é grato pela bomba d'água doada pela Igreja.

conselheiro na presidência do distrito de Chyulu. Aqueles que colaboraram com o projeto receberam terra e sementes para plantar suas próprias hortas familiares. Embora não chovesse havia quase dois anos, 40 membros da Igreja e 60 não-membros iniciaram

seus cultivos em 21 de outubro de 1992. Fizeram um jejum especial pedindo chuva e assistiram ao filme da Igreja *As Janelas do Céu*. Menos de uma semana depois da plantação, vieram as chuvas. Os cultivos prosperaram, assim como a fé das pessoas. A colheita foi abundante, tanto de alimentos como de conversos.

Outras sementes — as sementes do evangelho plantadas e nutridas em Chyulu — fortaleceram-se com o passar dos anos e continuam a dar frutos. Em meados da década de 1990, por exemplo, quando o governo queniano se recusou a emitir vistos para os missionários de tempo integral estrangeiros, os rapazes de Chyulu

ajudaram a suprir a demanda. Em 1998, quando David Boucher foi desobrigado como presidente da Missão Nairóbi Quênia, observou que embora apenas 15 por cento do número de membros da Igreja no Quênia pertencessem ao ramo de Chyulu, a unidade era responsável por mais da metade dos missionários quenianos que serviam no país.¹¹

As seguintes palavras do Presidente Hinckley parecem constituir um merecido tributo: “Encontramos pioneiros entre (. . .) os conversos que entram para a Igreja. Em geral, é difícil para cada um deles. Invariavelmente, envolve sacrifícios. Pode envolver perseguição. Mas esses ônus são suportados de boa vontade, e o preço é tão real quanto o que foi pago por aqueles que atravessaram as grandes planícies no notável esforço pioneiro empreendido há mais de um século”.¹² □

E. Dale LeBaron é membro da Ala Timpview II, Estaca Orem Utah Timpview.

NOTAS

1. Citado por Gerry Avant e John L. Hart, “Many Are Still Blazing Gospel Trails”, *Church News*, 24 de julho de 1993, p. 6.
2. Doutrina e Convênios, Declaração Oficial — 2.
3. De 1853 a 1978 (125 anos), o número de conversos na África foi 7.712 — uma média de 61,7 batismos por ano, totalizando uma estaca e uma missão na África do Sul. De 1978 a 1998, foram batizados 112.344 membros, uma média de 5.617 membros por ano, perfazendo 120.056 membros em 48 nações africanas subsaarianas, com 25 estacas e 12 missões. O número de batismos por ano nas últimas duas décadas na África é 91 vezes maior do que a média anual antes de 1978.
4. Citado em *Church News*, 24 de julho de 1993, p. 6.
5. Entrevista com Julius Kauli Kasue em Chyulu, Quênia, em 5 de julho de 1992.
6. Oração dedicatória proferida pelo Élder James E. Faust em Nairóbi, Quênia, em 24 de outubro de 1991. Exemplar em poder do autor.
7. Entrevista com Larry e Alice Brown em Nairóbi, Quênia, em 8 de julho de 1992.
8. Entrevista com Byron J. e Emma Rae Gilbert em junho de 1993.
9. Entrevista com Byron J. e Emma Rae Gilbert em junho de 1993.
10. História pessoal de Linda Leavitt, que serviu como missionária com o marido no Quênia. Cópia em poder do autor.
11. Entrevista por telefone com David Boucher em 24 de agosto de 1999.
12. Citado em *Church News*, 24 de julho de 1993, p. 6.

“O Espírito Falou Por Mim”

Jill Pulsipher Jones

ILUSTRAÇÃO FOTOGRÁFICA DE STEVE BUNDERSON

Enquanto estava no segundo grau, um de meus filhos começou a afastar-se mais e mais de nossa família. Ele ressentia-se com qualquer tipo de autoridade. Frequentava a Igreja porque sabia que era seu dever, mas não demonstrava nenhum entusiasmo pelo evangelho.

Depois de formar-se no segunda grau, em vez de preparar-se para a missão, fez metas para comprar um carro e pagar a faculdade. Um dia, porém, em vez de ir embora logo depois da reunião sacramental, como era de costume, ficou para assistir à aula da Escola

Em sua despedida, nosso filho leu uma carta que sua professora da Escola Dominical lhe escrevera.

Dominical. A lição daquele dia era sobre o serviço missionário.

Mais tarde, nosso filho contou-nos que nunca sentira o Espírito Santo de maneira tão pungente como durante aquela aula. Logo depois da Escola Dominical, ele disse ao bispo que queria servir como missionário. Em seu discurso de despedida, um ano depois, ele leu para a congregação uma carta que sua professora da Escola Dominical, Shelly Parcell, escrevera para ele após saber de sua decisão de servir como missionário.

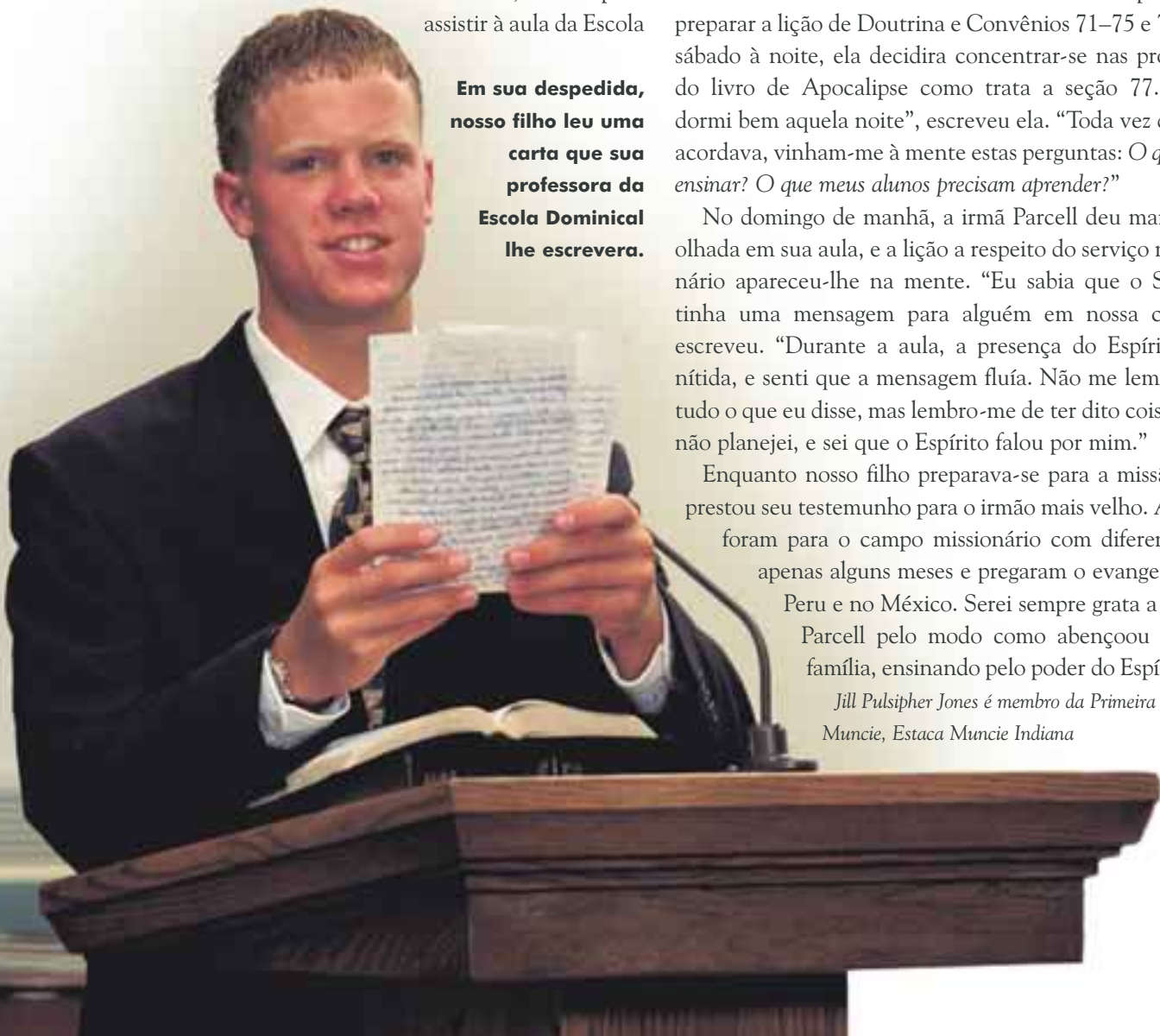
A irmã Parcell contou como foi difícil para ela preparar a lição de Doutrina e Convênios 71–75 e 77. No sábado à noite, ela decidira concentrar-se nas profecias do livro de Apocalipse como trata a seção 77. “Não dormi bem aquela noite”, escreveu ela. “Toda vez que eu acordava, vinham-me à mente estas perguntas: *O que vou ensinar? O que meus alunos precisam aprender?*”

No domingo de manhã, a irmã Parcell deu mais uma olhada em sua aula, e a lição a respeito do serviço missionário apareceu-lhe na mente. “Eu sabia que o Senhor tinha uma mensagem para alguém em nossa classe”, escreveu. “Durante a aula, a presença do Espírito era nítida, e senti que a mensagem fluía. Não me lembro de tudo o que eu disse, mas lembro-me de ter dito coisas que não planejei, e sei que o Espírito falou por mim.”

Enquanto nosso filho preparava-se para a missão, ele prestou seu testemunho para o irmão mais velho. Ambos foram para o campo missionário com diferença de apenas alguns meses e pregaram o evangelho no

Peru e no México. Serei sempre grata a Shelly Parcell pelo modo como abençoou minha família, ensinando pelo poder do Espírito. □

Jill Pulsipher Jones é membro da Primeira Ala de Muncie, Estaca Muncie Indiana





“Aproveitem Toda Boa Oportunidade”

Entramos há pouco num novo século e milênio. Nessas ocasiões, costumamos parar para refletir sobre a passagem do tempo. Para muitos de nós, o passado parece confundir-se com o futuro numa mistura incômoda de remorso e esperança. “Não se preocupem demais com o futuro”, disse o Presidente Gordon B. Hinckley, nem se preocupem muito com o passado. O passado já se foi, e vocês não podem mudá-lo. (. . .) O futuro, vocês podem aguardá-lo ansiosamente, mas nem sempre há muito que possam fazer a respeito dele. Vocês têm de lidar é com o presente, por isso aproveitem toda boa oportunidade que tiverem para fazer o que devem fazer.”¹ (Ver esta edição, p. 8.) As experiências relatadas abaixo refletem a sabedoria desses conselhos. Com coragem e fé, esses membros da Igreja fizeram “o que devem fazer”, usando as oportunidades recebidas a fim de tirar proveito de fraquezas ou erros passados e permanecer abertos a possibilidades futuras.



Meu Mentor

Joaquín Fenollar Bataller

Eu tinha 24 anos de idade quando conheci Julio Martínez. Naquela época, eu ansiava por conhecer alguém que pudesse explicar-me o propósito da vida e ajudar-me a compreender o motivo do enorme

vazio que eu sentia na alma. Julio, de 87 anos, era exatamente essa pessoa. Ele gozava de excelente saúde física e mental. Amava a natureza e sempre estava de ótimo humor. Passamos muitas tardes de verão conversando, e aprendi a admirar a ele e suas idéias. Como um filósofo que vivia na prática o que ensinava, ele tornou-se meu mentor.

Certo dia, dois anos e meio depois

de nos conhecermos, Julio disse-me que fora batizado em A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Fiquei perplexo. Como um homem tão sábio e experiente como ele poderia ter tomado tal decisão? Mas como eu o respeitava muito, respeitei sua escolha. Continuamos a conversar com frequência, mas eu mudava de assunto sempre que ele começava a falar da Igreja.

Com o passar do tempo, notei algumas mudanças em Julio. Seu olhar tinha um novo brilho, e ele

Com o passar do tempo, notei algumas mudanças em Julio. Seu olhar tinha um novo brilho, e ele tornou-se mais bondoso, menos crítico e mais humilde.

tornara-se mais bondoso, menos crítico e mais humilde. Eu não compreendia o que estava causando essas transformações, e temia perder a boa amizade que já tínhamos. Ainda assim, eu nunca aceitava seus convites para aprender mais sobre a Igreja.

Assim, ignorei o Senhor quando Ele me chamou. Acredito que Ele chama a cada um de nós, em geral por intermédio de outras pessoas, mas só atendemos se tivermos ouvidos para ouvir e se abrimos o coração. O Senhor chamou-me diversas vezes, mas meu coração estava fechado.

Então, em 20 de agosto de 1998, diante da insistência de Julio, recebi alguns dos missionários do Senhor, os élderes Martínez, Boyle e Winward. Pela primeira vez, reconheci a voz que estava chamando-me. O Espírito prestou um testemunho tão forte que enterneceu meu coração e tornou-me humilde. Com lágrimas nos olhos, perguntei repetidas vezes a mim mesmo: *Como é possível que o Salvador nos ame tão profundamente? Como Ele conseguiu fazer o que fez por nós, por mim?*

Nove dias depois, fui batizado. Graças a Julio, meu amigo, agora conheço o amor que Jesus Cristo tem por nós e o espírito de fraternidade que reina em Sua Igreja. Julio tornou-se um verdadeiro avô para mim, e regozijo-me ao saber que em virtude da graça do Senhor, encontrei Sua verdade eterna.

Joaquín Fenollar Bataller é membro do Ramo Gandía, Distrito Valencia Espanha.

O Livro Escondido

Ruth Dorsett

No verão de 1973, não resisti a um desejo inexplicável de ir à Europa em busca de registros de história da família. Foi assim que eu e minhas duas netas fomos parar num grande prédio antigo em Kappeln, Alemanha para copiar registros.

Eu sentira-me inspirada a concentrar meu tempo limitado na busca dos antepassados de meu avô Thomsen. O prédio em que estávamos abrigava os registros civis e religiosos de Kappeln desde 1764. Não falávamos alemão, mas felizmente o curador, fluente em inglês, explicou-nos algumas palavras usadas nos registros, o que nos ajudou a compreendê-los.

Eu e minhas netas copiamos as informações de que precisávamos o mais rápido que conseguimos e em seguida elas seguiram para a Inglaterra, conforme nossa programação inicial. Senti que ainda não deveria partir. Meu desejo de pesquisar a linhagem de meu avô agora parecia verdadeiramente inspirado.

Os funcionários do arquivo público de Kappeln não demoraram a perceber o quanto seus registros eram importantes para mim. Todas as manhãs, eu já estava lá quando eles chegavam para abrir as portas e eu não parava para almoçar. E eles foram bastante generosos comigo: não só permitiram minha permanência no local durante o horário de almoço, mas ofereceram-se também para abrir as portas uma hora antes todas as manhãs. Como meu tempo era limitado, fiquei imensamente grata.

Depois de consultar os nascimentos, casamentos e sepultamentos até 1764, não tinha idéia de onde buscar mais dados. Eu sabia que os registros anteriores a 1764 tinham que estar em algum lugar, mas onde? Naquele momento, tive a impressão: “Você não olhou”. Um tanto desconcertada, fui ao alto do prédio e indaguei a mim mesma: “Onde não procurei?”

Alguns livros grandes no alto de uma prateleira chamaram minha atenção. Disse a mim mesma: *Aposto que os registros estão naqueles grandes livros que ninguém consulta há anos.* Para alcançá-los, tive que subir na estante de baixo. Ao estender a mão direita para retirar um dos volumes grandes, coloquei a mão esquerda num canto meio escondido a fim de apoiar-me e senti algo lá. Depois de pegar o livro maior da prateleira de cima, fui verificar o que eu tocara com a mão esquerda. Era um livro bem menor. Sua capa era da mesma cor das estantes — um marrom desbotado. Abri-o. As páginas estavam repletas de letras em gótico antigo. Do que se tratava?

Fui para o fim do livro, onde a caligrafia era mais moderna, e encontrei o nome de uma criança cujos pais eu já identificara em registros anteriores, quando achara documentos até 1765. Agora eu estava diante do registro de uma criança mais velha desse mesmo casal, nascida em 1763.

Eu não queria nutrir falsas esperanças, mas assim que os funcionários voltaram do almoço, mostrei-lhes o livro. Depois de alguns minutos de conversa, um dos



Depois de pegar o livro maior da prateleira de cima, fui verificar o que eu tocara com a mão esquerda. Era um livro bem menor.

arquivistas disse-me que aquele livro era, de fato, exatamente o que eu imaginara — um registro dos batismos realizados em Kappeln e cujos documentos chegavam até meados do século XVII. “É um dos livros de registro de Kappeln, mas nunca o vimos aqui antes”, disse ele.

Os funcionários fizeram uma cópia para mim. As 101 páginas que levei para casa resultaram em muitos nomes que eu e minha família posteriormente enviamos ao templo para a realização

de ordenanças. Cópias em papel e um microfilme do livro também estão à disposição do público na Biblioteca de História da Família da Igreja.

Com profunda gratidão, reconheço que o Senhor ajuda aqueles que buscam sinceramente seus antepassados. Essa experiência confirmou para mim a sabedoria da escritura que diz: “Confia no Senhor de todo o teu coração, e não te estribes no teu próprio entendimento. Reconhece-o em todos os teus caminhos, e ele endireitará as tuas veredas”. (Provérbios 3:5–6)

*Ruth Dorsett é membro da Ala
Bloomington Hills II, Estaca St. George
Utah Bloomington Hills.*

Não Precisei Temer

Betina Beatriz Salvatierra de Sánchez

Fui convidada para fazer discurso na reunião sacramental sobre a importância das obras-padrão em minha vida. Aceitei a designação com alegria, embora eu seja um pouco tímida e fique nervosa ao falar em público. Fiquei grata pelo tema designado, pois tenho um forte testemunho das escrituras.

Há muito tempo, estudo as escritura diariamente, conforme nossos profetas nos ensinam. Ao fazê-lo, sinto grande alegria. Sei que o que leio nas obras-padrão é a palavra de Deus.

Também escrevo no diário. Aprendi isso com os missionários e considero algo muito valioso também. Todos os dias, registro minhas experiências e o progresso que alcanço. Ao aceitar o convite para discursar, fiquei confiante de que encontraria algo em meu diário para usar no discurso.

Como estava muito nervosa, empenhei-me ao máximo durante toda a semana para preparar o discurso e orei pedindo orientação. Eu queria que minhas palavras tocassem o coração dos irmãos e irmãs.

Por fim, chegou o domingo. Ao caminhar até o púlpito, eu tremia. Durante o discurso, percebi que os membros estavam ouvindo com toda a atenção. Eu nunca sentira tanta calma nem falara com tamanha desenvoltura. Senti-me envolta por um doce espírito, quase como um ardor. (Ver D&C 9:8.)

Aquele discurso foi uma experiência maravilhosa. Sei que o Pai Celestial me abençoou com Seu Espírito.

Posteriormente, ao pensar nessa experiência, percebi que devo ter sido abençoada com o Espírito por ter preparado meu discurso com tanta diligência e ter buscado a orientação do Senhor. Como eu estava preparada, não precisei temer. (Ver D&C 38:30.)

Percebi também que se nos prepararmos com confiança para algo aparentemente tão pequeno como um discurso, podemos preparar-nos também para coisas maiores, com a plena certeza de que o Senhor nos apoiará.

Betina Beatriz Salvatierra de Sánchez é membro da Ala Godoy Cruz Centro, Estaca Godoy Cruz Argentina.

Entregar o Restante ao Senhor

Rondie S. Rudolph

Mãe!” Aquele grito estridente fez-me estremecer.

O que será agora? Perguntei a mim mesma. As crianças já tinham ido dormir, e eu estava cuidando de minhas tarefas. Meu marido estava numa reunião e só chegaria mais tarde.

Subi as escadas esperando deparar-me com mais uma briga de irmãos. Mas encontrei minha filha, Michaela, com os olhos vermelhos: “Estou com dor de ouvido, mãe”.

Ah não, pensei. Por que isso sempre acontece à noite? Dor de ouvido não justificaria os gastos de uma consulta de emergência. Assim, usei todos os remédios caseiros que conhecia e coloquei-a de volta na cama. “Tente dormir agora”, eu disse. “Vou telefonar

para a médica assim que o consultório dela abrir amanhã de manhã”.

Ao descer a escada, sentia-me ansiosa e não conseguia concentrar-me. Fui até a cozinha e, sem muito ânimo, comecei a limpar a pia. Então, com um gesto repentino, larguei o pano. Segui novamente para o quarto de Michaela para ver como ela estava. Fui andando na ponta dos pés para não acordá-la. No meio do caminho, parei. Como a porta estava aberta, de longe já ouvi os soluços dela.

Aquilo foi demais para mim. Não

“Está doendo muito, mãe.” As covinhas que costumavam aparecer em suas bochechas não estavam presentes. O rosto dela estava pálido. O cansaço e a dor haviam produzido grandes olheiras.



poderia ficar ali parada e impotente enquanto minha filha sofria. Sentei-me nos degraus, com lágrimas nos olhos. Orei. Supliquei. Tremi ao contar ao Senhor que eu faria tudo a meu alcance para ajudar minha filha e que então eu entregaria o restante nas mãos Dele. Depois de respirar fundo algumas vezes, subi os últimos degraus, sentei-me na cama de minha filha e afaguei-lhe os cabelos úmidos.

“Está doendo muito, mãe.” As covinhas que costumavam aparecer em suas bochechas não estavam presentes. O rosto dela estava pálido. O cansaço e a dor haviam produzido grandes olheiras.

Decidi que não esperaria a volta de meu marido; preferia correr o risco de passar a imagem de uma mãe superprotetora, ansiosa e descontrolada. “Vou telefonar para nosso mestre familiar, está bem?”

Michaela consentiu.

Fiz o telefonema, mesmo sentindo-me meio sem jeito. Quando perguntei a nosso mestre familiar se ele poderia dar uma bênção a Michaela, ele respondeu: “Claro”. Pouco depois, chegou sorrindo, como se sair pela rua tarde da noite fosse sua melhor forma de diversão.

Durante a administração da bênção, senti uma grande esperança iluminar meu coração atormentado. Agradei quando ele foi embora e pus Michaela na cama de novo. Dentro de poucos minutos, ela já estava dormindo.

Na manhã seguinte, como a aparência dela estava bem melhor, senti-me tentada a não telefonar para

a pediatra. Mas eu prometera ao Senhor que faria tudo a meu alcance.

Mais tarde, no consultório, fiquei observando a médica atentamente. Ela examinou o ouvido de Michaela e disse: “Você não dormiu muito ontem à noite, não é mesmo?” Não era bem uma pergunta, mas uma afirmação.

“Ela dormiu a noite inteira”, discordei eu.

Nunca me esquecerei da expressão de espanto da médica quando eu disse isso.

Naquele momento, eu soube que fôramos abençoadas com um pequeno milagre. Nenhum mar se partira, nenhum leproso fora curado, nenhum morto fora trazido de volta à vida. Mas o Senhor concedera simplesmente uma noite de paz e alívio para uma menininha.

Para mim, isso já era o suficiente.

Rondie S. Rudolph é membro da Ala Louisville I, Estaca Boulder Colorado.

Como Poli Minha Aliança de Casamento

Ke Te-kuang

Ao prepararmos-nos para o casamento, eu e minha futura esposa começamos a procurar alianças que simbolizassem nossa união. Nenhuma nos agradou, e decidimos usar anéis de CTR. Achamos que eles serviriam sempre de lembrete para que conservássemos nossa rota, fizessemos escolhas certas e criássemos nossa família em retidão.

Certo dia, pouco depois de nosso casamento, percebi que meu anel perdera o brilho. Perguntei a várias pessoas o que fazer e indicaram-me

várias substâncias para poli-lo, como creme dental, algodão fino e graxa. Tentei todas as opções. Nada deu resultado. Por fim, desisti, embora continuasse incomodado pela ausência de brilho.

Depois que nos casamos, nossa vida complicou-se muito. O trabalho e os chamados na Igreja passaram a ocupar-me tanto que minha esposa quase sempre tinha de realizar sozinha todas as tarefas domésticas. Gradualmente, a felicidade em nosso lar começou a diminuir. Sem saber o motivo da mudança ou a forma de resolver nossos problemas, oramos suplicando orientação.

Pouco depois, nasceu nosso primeiro filho. Minha esposa passou a dedicar muito tempo a seus cuidados. Grato por tudo o que ela estava fazendo, decidi dar minha parcela de contribuição lavando as fraldas do bebê.

Várias semanas depois de começar a lavar as fraldas, fiquei surpreso ao ver que meu anel readquirira o brilho. Percebi que aquela atividade diária fizera o que nenhuma técnica de polimento conseguira.

Ocorreu-me também que, como eu estivera tão atarefado com compromissos fora de casa, eu negligenciara meus deveres mais importantes de marido e pai. Assim como meu anel, nosso casamento perdera o brilho. Mas tão logo escolhi o certo e conservei minha rota — fazendo da família minha prioridade — ambos voltaram a luzir. □

Ke Te-kuang é membro do Ramo Ping Tung, Distrito Ping Tung Taiwan.



O VISITANTE

Quando Mike foi à nossa classe, deparou-se com uma surpreendente pergunta.

Ken Merrell

Quando eu estava me preparando para servir como missionário, meu bispo chamou-me para ser professor da classe dos Raios de Sol. Eu nunca havia aprendido antes a amar os outros mais do que a mim mesmo, até que tive de servir aquelas crianças cumprindo uma designação tão simples. Com tempo e paciência, aprendi a manter aquelas sete crianças sentadas para ouvir uma pequena aula.

Um dia, convidei Mike* para ir à Igreja e assistir a uma aula em minha classe. Mike era da minha idade, mas tinha deixado totalmente de ir à Igreja desde os doze anos. Continuamos amigos com o passar dos anos enquanto eu servi como presidente do quórum dos diáconos, presidente do quórum dos mestres e primeiro assistente do bispo no quórum dos sacerdotes. Ele fora o assunto de muitas discussões sobre integração e esteve muitas vezes em minhas orações. De vez em quando, Mike aceitava meus convites para ir a uma atividade. Quando o via, era sempre uma surpresa; por isso continuei a convidá-lo.

Não me lembro de quando fiz o convite para a minha aula da Primária, mas um dia ele apareceu. Naquela época, Mike tinha cabelos compridos e escuros e usava barba.

“Crianças, este é o meu amigo, Mike”, disse eu, dando início à aula. “Ele está nos visitando hoje.”

Mike sentou-se perto de mim. As crianças sentaram-se num semicírculo ao nosso redor, com os olhos fixos em Mike. Estavam mais quietos do que de costume. Já se haviam passado cinco ou seis minutos da aula quando um dos meninos levantou-se, caminhou até a frente da sala e parou bem em frente ao meu amigo. Ficou um instante parado, depois pulou no colo de Mike. Enquanto continuava a lição, observei os dois. O menino olhava fixamente para o rosto de Mike.

Embora estivesse um tanto constrangido, Mike não interrompeu a aula nem tirou o menino do colo. As

outras crianças também observaram os dois por alguns minutos.

Uma das meninas, então, levantou-se e foi até Mike. Fiquei muito interessado em saber como Mike reagiria, por isso não pedi às crianças que voltassem para seus lugares. A menina ficou de pé, com a mão no joelho de Mike, olhando para seu rosto.

Foi então que aconteceu. O menino no colo de Mike segurou o rosto de Mike com as duas mãos e virou-o para si. Parei a aula só para ver o que iria acontecer.

Com a inocência de uma criança, ele perguntou a Mike: “Você é Jesus?”

A expressão no rosto de Mike era de total surpresa. Pelo rosto das crianças, parecia que todos tinham a mesma pergunta em mente.

Mike olhou para mim, como se perguntasse: “Socorro! O que eu digo agora?”

Adiantei-me e disse: “Não, este não é Jesus. É o irmão Dele”.

Mike olhou para mim, chocado.

Depois, sem hesitação, o menino no colo de Mike estendeu os braços e colocou-os em volta do pescoço dele. “Ah! . . . Entendi”, disse enquanto abraçava Mike.

O restante da classe sorriu num sinal de aprovação ao verem respondida a sua pergunta. Mike fez força para conter as lágrimas que despontaram em seus olhos em resposta ao amor que sentiu por aquele pequeno Raio de Sol. Continuei com a aula, mas naquele dia, o professor que mais ensinou foi um menino de três anos.

Mike passou mais de um ano preparando-se para servir como missionário de tempo integral. Fiquei emocionado ao saber que ele partira para o campo alguns meses antes de eu voltar para casa. Quando penso naqueles Raios de Sol, lembro da escritura que está em Mateus 18:5: “E qualquer que receber em meu nome um menino, tal como este, a mim me recebe”. □

Ken Merrell é membro da Sexta Ala de Lakeview, Estaca Orem Utah.

* O nome foi mudado.

Como Utilizar A Liahona de Novembro de 2001

IDÉIAS ÚTEIS

■ “Pornografia — Inimigo Mortal” página 2: Discuta os três passos da estratégia de combate do Presidente Thomas S. Monson para combater a pornografia. Que coisas específicas podemos fazer para ajudar a eliminar esse mal?

■ “Retorne com Honra”, página 10: O Élder Robert D. Hales menciona vários instrumentos usados pelos pilotos para voltarem para casa em segurança. Compare esses instrumentos com seus correspondentes espirituais que podemos usar para voltar em segurança para nosso lar celestial.

■ “Saudação aos Jovens”, página 25: Por que Brigham Young criou a Sociedade de Refreamento? Que influências do mundo atual devemos evitar?

■ “A Professora Disse que Posso?” página A14: A obediência nem sempre nos salva fisicamente, mas salva-nos espiritualmente e conduz-nos à vida eterna. Discuta alguns mandamentos dados pelo Senhor para manter-nos espiritualmente seguros.

ILUSTRAÇÃO FOTOGRÁFICA DE CRAIG DIMOND

SEGUIR O PROFETA

O Presidente Gordon B. Hinckley incentivou os jovens a serem gratos, inteligentes, puros, fiéis, humildes e a orarem sempre. (Ver “Conselhos e Oração do Profeta para os Jovens”, *A Liahona*, abril de 2001, pp. 30–41.) Como esses conselhos já lhe foram úteis? Envie histórias e experiências para *Following the Prophet, Liahona, Floor 24, 50 East North Temple Street, Salt Lake City, UT 84150-3223, USA*; ou mande um e-mail para CUR-Liahona-IMag@ldschurch.org. Coloque seu nome completo, idade, endereço, telefone e ala e estaca (ou ramo e distrito).

TÓPICOS DESTA EDIÇÃO

Ativação.....	28
Convênios	10, 16
Conversão	32, 40
Coragem.....	28, 40
Cura.....	40
Ensino	39, 46, 48
Ensino familiar	6, 28
Espírito Santo	39, A14
Estudo das escrituras	A2
Fé.....	32
História da família	40
História da Igreja	25, F2
Histórias do Novo Testamento	A8, A10
Honra	10
Igreja no mundo	32, A4
Jesus Cristo.....	46, A8, A10
Jovens	25
Música	24
Noite familiar.....	48
Obediência.....	7, 10, A7, A12, A14
Obra missionária	39
Ordenanças	10, 16
Padrões	31
Palavra de Sabedoria	31
Pioneiros	32
Pornografia.....	2
Primária	A12
Professoras visitantes	24
Profetas	8, 25, A7, A12
Pureza	2, 7
Relações familiares	40, A4
Templos e ordenanças do templo ..	8
Tentação.....	7



O Amigo

PARA AS CRIANÇAS DA IGREJA DE JESUS CRISTO DOS SANTOS DOS ÚLTIMOS DIAS ■ NOVEMBRO DE 2001



Saquinho de Histórias de Doutrina e Convênios

Corliss Clayton



Para brincar com esse jogo que traz histórias das escrituras, destaque estas duas páginas da revista. Cole as figuras numa cartolina, recorte-as e coloque-as numa sacola pequena e resistente. O primeiro participante pega um cartão e diz que acontecimento de Doutrina e Convênios ou da história da Igreja o cartão o faz lembrar. Não há respostas erradas, mas o jogador deve explicar por que a figura o faz lembrar determinado princípio ou história. Por exemplo, o cartão da “prisão” pode fazê-lo lembrar-se de Joseph Smith na Cadeia de Liberty ou da prisão espiritual. Se alguém não conseguir pensar

numa história, os demais participantes poderão ajudar. Dê a todos a oportunidade de escolher cartões, até que cada um tenha contado pelo menos uma história. Para incrementar o jogo, use as figuras do Saquinho de Histórias do Velho

Testamento (ver Seção Infantil, *A Liahona*, outubro de 1998, p. 13), o Saquinho de Histórias do Novo Testamento (ver *O Amigo*, *A Liahona*, outubro de 1999, pp. 12–13) e o Saquinho de Histórias do Livro de Mórmon (ver *O Amigo*, *A Liahona*, outubro de 2000, pp. 2–3). Conte histórias dessas escrituras também. □



ADÃO



CONDADO DE JACKSON



CASAMENTO



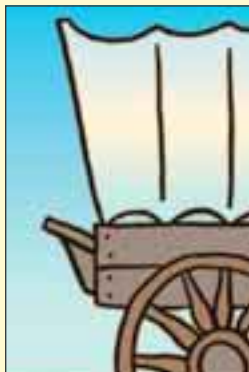
NECESSITADOS



CANÇÃO



MÁRTIR



CARROÇÃO



CRIANÇA



SERVO



TESTEMUNHAS



VISÃO



MORTE

Sumo sacerdote
Élder
Sacerdote
Mestre
Diácono

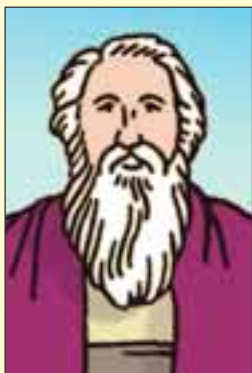
SACERDÓCIO



MANSÃO



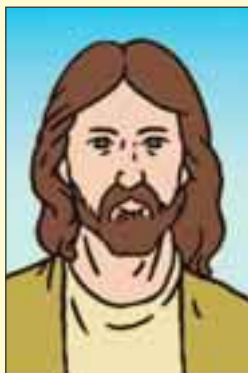
TEMPLO



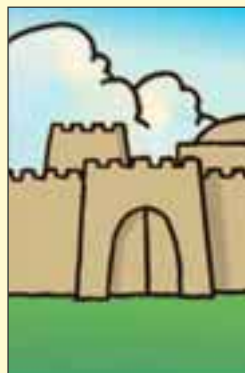
PROFETA



PRISÃO



SEGUNDA VINDA



JERUSALÉM



GLÓRIA CELESTIAL



GLÓRIA TERRESTRE



DÍZIMO



PALAVRA DE SABEDORIA



GLÓRIA TELESTIAL



DOCTRINA E CONVÊNIOS



SIÃO



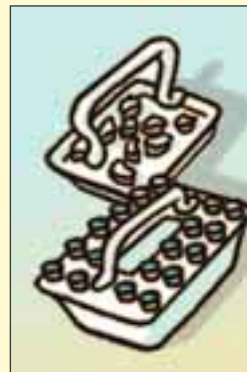
TESTEMUNHO



BATISMO



JOSEPH SMITH



SACRAMENTO

Cho Kwang-Jin e Cho Young-Jin

de Pusan, Coréia

Melvin Leavitt

FOTOGRAFIAS DO AUTOR

Os robôs têm muita força. Lutam como dragões e fazem estragos enormes”, explica Cho Young-Jin, de oito anos. “Mas os meus robôs serão diferentes; eles vão ajudar as pessoas.”

Young-Jin gosta muito de desenhar e pretende ganhar a vida criando histórias em quadrinhos e desenhos animados de robôs. Batizado recentemente, ele decidiu que suas máquinas possantes não promoverão a violência nem o ódio.

Young-Jin é o filho mais velho da família, o que lhe confere uma importante responsabilidade na cultura coreana. Com muito boa vontade, ele ajuda os irmãos e é obediente. Quando seu pai, Boong-Jae, pediu-lhe que fosse mais reverente na reunião sacramental fazendo anotações em todos os discursos, ele obedeceu.

Kwang-Jin é o irmão gêmeo de Young-Jin e nasceu alguns minutos depois dele. Ele é um menino feliz e descontraído que gosta de rir e tem muitos amigos. Kwang-Jin deseja tornar-se cientista quando crescer. Gosta



também de fazer trabalhos com argila e quer que seu pai lhe ensine o tae- kwon-do, uma arte marcial coreana. Ele tem excelente voz e adora cantar os hinos da Primária.

Os gêmeos têm três irmãos e duas irmãs. Kyu-Jin, uma bela menina de sete anos, é muito inteligente e uma ótima aluna. Gosta de cantar e de cuidar dos irmãos mais novos.

Jong-Jin, de cinco anos, é um menino bondoso que está sempre contando os irmãos para certificar-se de que não esteja faltando ninguém.

Wi-Jin, de três anos, é um menino cheio de energia que sabe exatamente o que quer, principalmente se for algum dos pratos deliciosos tão bem preparados por sua mãe, Hwasoon. Wi-Jin gosta de fazer pequenos presentes para os pais.

Du-Jin, de dois anos de idade, é uma criança linda que adora o pai.

Sol-Jin, de sete meses, gosta de ficar no colo do pai, receber abraços e também abraçar.

Os gêmeos gostam de praticar beisebol e futebol, brincar de jogos no computador, ler e ver um pouco de televisão. Em especial, a família gosta de reunir-se na sala de estar para participar de um jogo chamado *yut no ri*. Cada participante lança quatro varetas num tapete. A disposição das varetas ao caírem determina como as peças do jogo serão movimentadas no tabuleiro.

Young-Jin e Kwang-Jin vão à escola seis dias por semana. Diariamente, depois das aulas, fazem um curso de informática de uma hora de duração. Frequentam também aulas de piano juntos.

Na Coréia, antes de entrar em casa, todos tiram os sapatos e deixam-nos na entrada. A tarefa de Kwang-Jin é arrumar esses sapatos. Também é responsável por organizar os brinquedos das crianças. Young-Jin ajuda a limpar a sala de estar

1. Young-Jin e Kwang-Jin pertencem a uma família unida e amorosa.

2. Young-Jin desenhando um de seus belos e úteis robôs.

3. O irmão Cho ensina tae-kwon-do a Young-Jin e Kwang-Jin.



4. Yut no ri é um dos jogos preferidos da família Cho.

e a organizar os vídeos. Todas as crianças que já tenham idade suficiente arrumam o próprio quarto.

A oração familiar de manhã e à noite, o estudo das escrituras pela manhã, a noite familiar e a oração familiar são parte natural da rotina dos Cho. Numa noite familiar recente sobre as virgens prudentes e loucas, eles fizeram recipientes de óleo para pendurarem na parede e recordarem que devem sempre estar preparados.

O irmão e a irmã Cho serviram como missionários de tempo integral e os filhos estão ansiosos por seguir seus passos. E já estão treinando. Tanto Young-Jin como Kwang-Jin já convidaram amigos para as reuniões da Igreja.

As crianças acreditam na oração e já presenciaram seus efeitos. Certa vez, antes de saírem para um passeio, oraram pedindo proteção. Naquele dia, tiveram um pequeno acidente, mas ninguém ficou ferido. Eles sentiram que o Pai Celestial os protegera.

As famílias coreanas são muito unidas e comemoram em conjunto várias datas festivas, inclusive um dia especial das crianças. Uma das datas favoritas dos Chos é o ano-novo lunar. Outra comemoração apreciada é o *Ch'usok*, um festival de ação de graças que marca o início das colheitas. Nessa ocasião, são servidos deliciosos pratos tradicionais.

Os Chos moram perto do Mar do Japão em Pusan, a segunda maior cidade da Coreia do Sul. Uma lenda sobre Pusan diz que altas colinas verdejantes estavam disputando com uma grande cidade quem iria ocupar um belo local perto do oceano. Mas eles acabaram por dividir o privilegiado espaço!

Os Chos costumam passar pelas montanhas para chegarem a uma das melhores praias de Pusan a fim de jogarem beisebol, explorarem piscinas naturais e construir castelos de areia. Em seguida, vão a alguma lanchonete para saborearem pizza, frango assado ou hambúrguer — comidas que não constituem pratos coreanos tradicionais.

Na família Cho, as crianças podem divertir-se e ser elas mesmas enquanto crescem para um dia tornarem-se os homens e mulheres que almejam. São guiados com genuíno amor e os maravilhosos ensinamentos do Salvador. Certamente, a família deles inspiraria a criação do melhor tipo possível de robô. □



A SEGURANÇA ADVINDA DE UM CONSELHO

Élder Henry B. Eyring Do Quórum dos Doze Apóstolos

No outono de 1838, época em que ocorreram muitas contendas no norte de Missouri, o Profeta Joseph Smith chamou todos os santos para que se reunissem em Far West, pois lá estariam protegidos. Muitos deles viviam isolados em fazendas ou em comunidades dispersas. O profeta deu esse conselho especificamente a Jacob Haun, fundador de uma pequena comunidade chamada “Haun’s Mill” (Moinho de Haun). Um relato daquela época diz o seguinte: “O irmão Joseph mandara um comunicado por meio de Haun, dono do moinho, instruindo os irmãos que lá viviam a saírem daquele



lugar e irem para Far West, mas o senhor Haun, não transmitiu a mensagem”. (Philo Dibble, “Early Scenes in Church History”, em *Four Faith Promoting Classics*, 1968, p. 90.)

Mais tarde, o Profeta Joseph registrou em sua biografia: “Até hoje, Deus concedeu-me sabedoria para salvar as pessoas que me pediram conselhos. Nenhum dos que [acataram] meu conselho foi morto”. (*History of the Church*, 5:137) O Profeta, então, mencionou a triste verdade a respeito das vidas inocentes que poderiam ter sido salvas em Haun’s Mill se tivessem recebido e seguido seu conselho.

Todas as vezes que escolhi procrastinar a obediência a um conselho inspirado ou considerei-me uma exceção, descobri mais tarde que estivera caminhando em terreno perigoso. Todas as vezes que ouvi o conselho dos profetas, senti uma confirmação ao orar e o segui, percebi, depois, que havia caminhado em direção à segurança. Ao longo da vida, percebi



que o caminho fora preparado para mim e que os caminhos escabrosos haviam sido aplainados. Deus guiou-me em segurança pelo caminho que já estava carinhosamente preparado. □

Adaptado de um discurso da conferência geral de abril de 1997.

JESUS ANDA SOBRE AS ÁGUAS



ILUSTRADO POR PAUL MANN

Certa vez, Jesus subiu a uma montanha para orar e Seus discípulos saíram num barco no Mar da Galiléia. O vento soprava forte e as ondas estavam altas.

Mateus 14:22-24



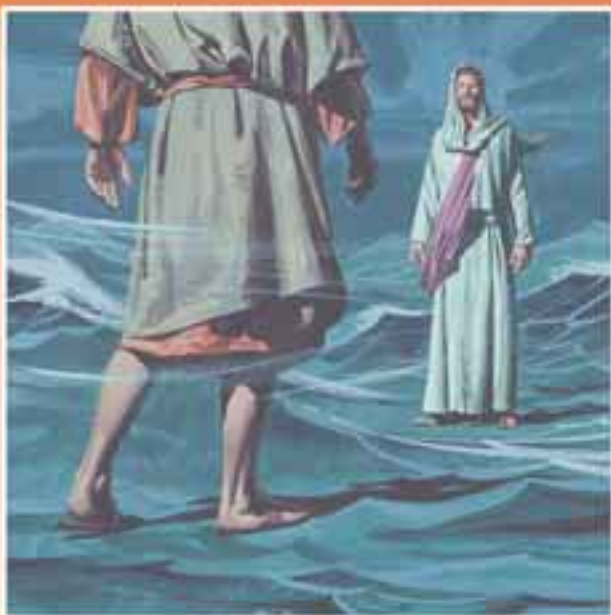
Jesus desceu a montanha quando já era noite e andou sobre as águas para chegar até o barco.

Mateus 14:25



Os discípulos O viram andando sobre as águas e ficaram com medo. Pensaram que Ele era um fantasma. Jesus disse: “Sou eu, não temais”.

Mateus 14:26-27



Pedro também queria andar sobre as águas. Jesus disse a Pedro que andasse até Ele; por isso, Pedro saltou do barco e começou a andar sobre as águas em direção ao Salvador.

Mateus 14:28–29



Como o vento estava muito forte e as ondas muito altas, Pedro ficou com medo. Ele começou a afundar e gritou para que Jesus o salvasse.

Mateus 14:30



O Salvador segurou a mão de Pedro e perguntou porque ele sentiu medo e porque não tivera mais fé.

Mateus 14:31



Quando Jesus e Pedro andaram até o barco, a tempestade parou. Todos os discípulos adoraram ao Salvador. Eles sabiam que Ele era o Filho de Deus.

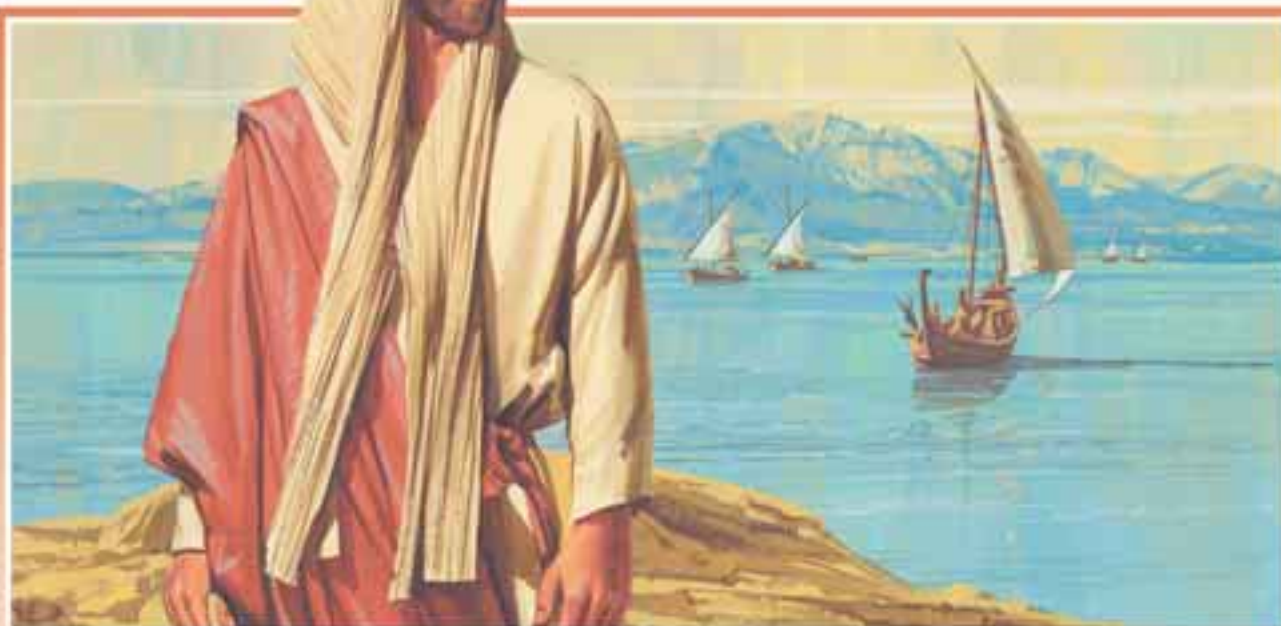
Mateus 14:32–33

O PÃO DA VIDA



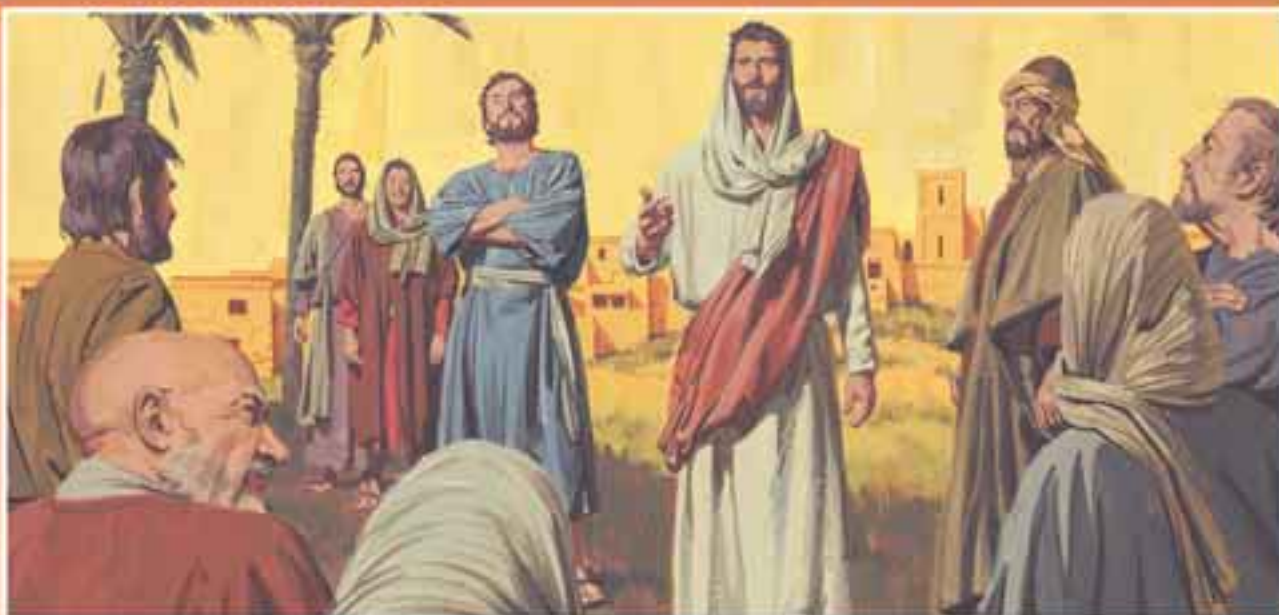
No dia seguinte em que 5.000 pessoas foram alimentadas com cinco pães e dois peixes, o povo saiu a procura de Jesus. Pegaram barcos e seguiram-No até Capernaum.

João 6:22, 24



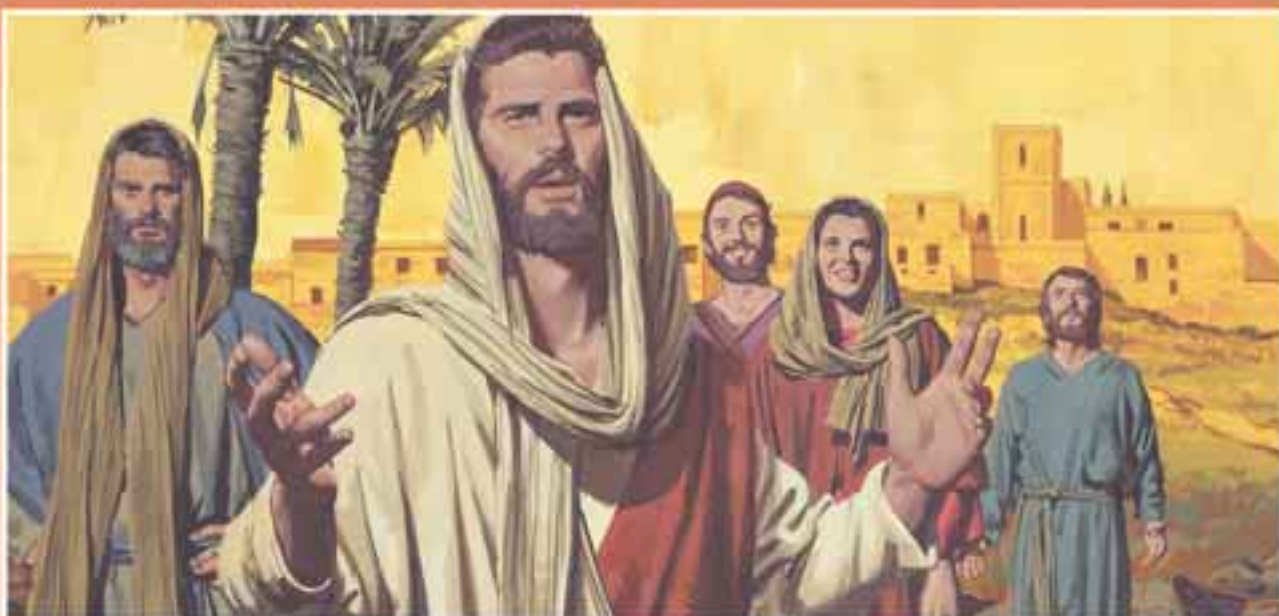
Jesus sabia que eles tinham vindo somente porque queriam que Ele lhes desse comida novamente.

João 6:26



Ele lhes ensinou que o pão os manteria vivos por certo tempo, mas que havia um outro tipo de pão o qual deveriam procurar — o pão da vida eterna. Jesus lhes disse que Ele era esse pão.

João 6:27, 30–35



Ele disse ao povo que sacrificaria Sua vida por eles. Se O seguissem e acreditassem Nele — o Pão da Vida — eles ganhariam a vida eterna.

João 6:47–51

O Profeta Nos Dirá

Diane Nichols

“Certamente o Senhor Deus não fará coisa alguma, sem ter revelado o seu segredo aos seus servos, os profetas.” (Amós 3:7)



Pense nas pessoas que você ama muito. Você gostaria que elas soubessem quando alguma coisa maravilhosa fosse acontecer?

Você as avisaria acerca de coisas ruins que poderiam deixá-las tristes?

O Pai Celestial nos ama muito. Ele quer que saibamos o que podemos fazer para sermos felizes e voltarmos à Sua presença algum dia. Por essa razão, Ele chama profetas para falar por Ele aqui na Terra.

Nas escrituras, lemos a respeito de profetas que falaram às pessoas o que o Senhor queria que elas soubessem e fizessem. Algumas pessoas ouviram, obedeceram e foram abençoadas. Outras, não, e não foram muito felizes.

Noé, um profeta do Velho Testamento, advertiu o povo para que se arrependesse. Somente sua família ouviu e obedeceu; por isso foram salvos na arca quando vieram as enchentes.

José, que foi vendido para o Egito por seus irmãos, disse ao Faraó que guardasse comida por sete anos porque haveria fome. O Faraó ouviu os conselhos de José, e o povo do Egito teve o que comer.

Abinádi, um profeta do Livro de Mórmon, exortou o rei Noé e seu povo a que se arrependessem. Alma ouviu e obedeceu. Ele também ensinou o evangelho a outras pessoas. A vida deles foi mais feliz porque seguiram o profeta. Os que não ouviram foram destruídos ou capturados.

O Pai Celestial enviou o Presidente Gordon B. Hinckley para ensinar-nos e guiar-nos hoje. Podemos escolher ouvir ou não ouvir suas palavras, fazer ou não fazer o que ele nos aconselha. Se o fizermos, nossa vida será mais feliz, teremos mais segurança, e um dia voltaremos a viver com o Pai Celestial.

Instruções

Cole a página 13 numa cartolina. Recorte as figuras. Na noite familiar, use as figuras para contar a história de

Noé, advertindo o povo a arrepender-se, construindo a arca e reunindo sua família e os animais e fazendo-os entrar na arca. Explique-lhes que a família de Noé foi salva porque seguiu o conselho do profeta. (Ver Gênesis 6:9–7:10; 7:17–8:22; Moisés 8:18, 23–24.)

Idéias para o Tempo de Compartilhar

1. Escolha várias histórias das escrituras nas quais os profetas fizeram profecias ou guiaram o povo de acordo com a vontade de Deus. Separe as crianças em grupos. Faça com que um adulto conte uma história para cada grupo e ajude-os a desenhá-la para que depois seja recontada. Use as sugestões a seguir: José diz ao Faraó que armazene alimentos (ver Gênesis 41); Moisés tira os filhos de Israel do cativeiro do Egito (ver Êxodo 14); Samuel, o lamanita, profetiza a respeito de Jesus Cristo (ver Helamã 14; 3 Néfi 1:19–21); Brigham Young guia os santos até o Vale do Lago Salgado (ver D&C 136). Peça aos grupos que contem suas respectivas histórias. Cante um hino que fale sobre um princípio ensinado pelo profeta de cada história.

2. Coloque objetos ou gravuras de objetos pagos com o dinheiro do dízimo dentro de uma caixa (por exemplo: templos, hinários, giz e apagador, manual de lições, capela, etc). Leia Malaquias 3:10. Explique às crianças que Malaquias ensinou o povo a pagar o dízimo, pois assim o Senhor os abençoaria. Conte a história do presidente Lorenzo Snow, ensinando as pessoas a pagar o dízimo. (Ver o manual Primária 5, lição 45.) Dê uma maçã ou outra fruta a 10 crianças e faça com que as segurem como se fossem árvores ou arbustos. Peça a uma outra criança que “colha” as frutas. Pergunte-lhes quanto devem pagar de dízimo. Explique-lhes que geralmente pagamos o dízimo em dinheiro, mas na época dos pioneiros, muitas pessoas pagavam o dízimo com o produto de suas colheitas. Mostre um recibo e um envelope de dízimo. Explique-lhes que preenchemos o recibo e o colocamos dentro do envelope com nosso dízimo, depois o entregamos ao bispo, ao presidente do ramo, ou a um de seus conselheiros. Eles enviam o dinheiro para a sede da Igreja onde ele é usado para muitas coisas. Peça às crianças que escolham alguns objetos ou gravuras da caixa. Preste testemunho das bênçãos do dízimo. □



“A Professora Disse que Posso?”

Janine Mickelson, conforme narrado a Sheila Kindred

ILUSTRAÇÕES DE BRAD TEARE

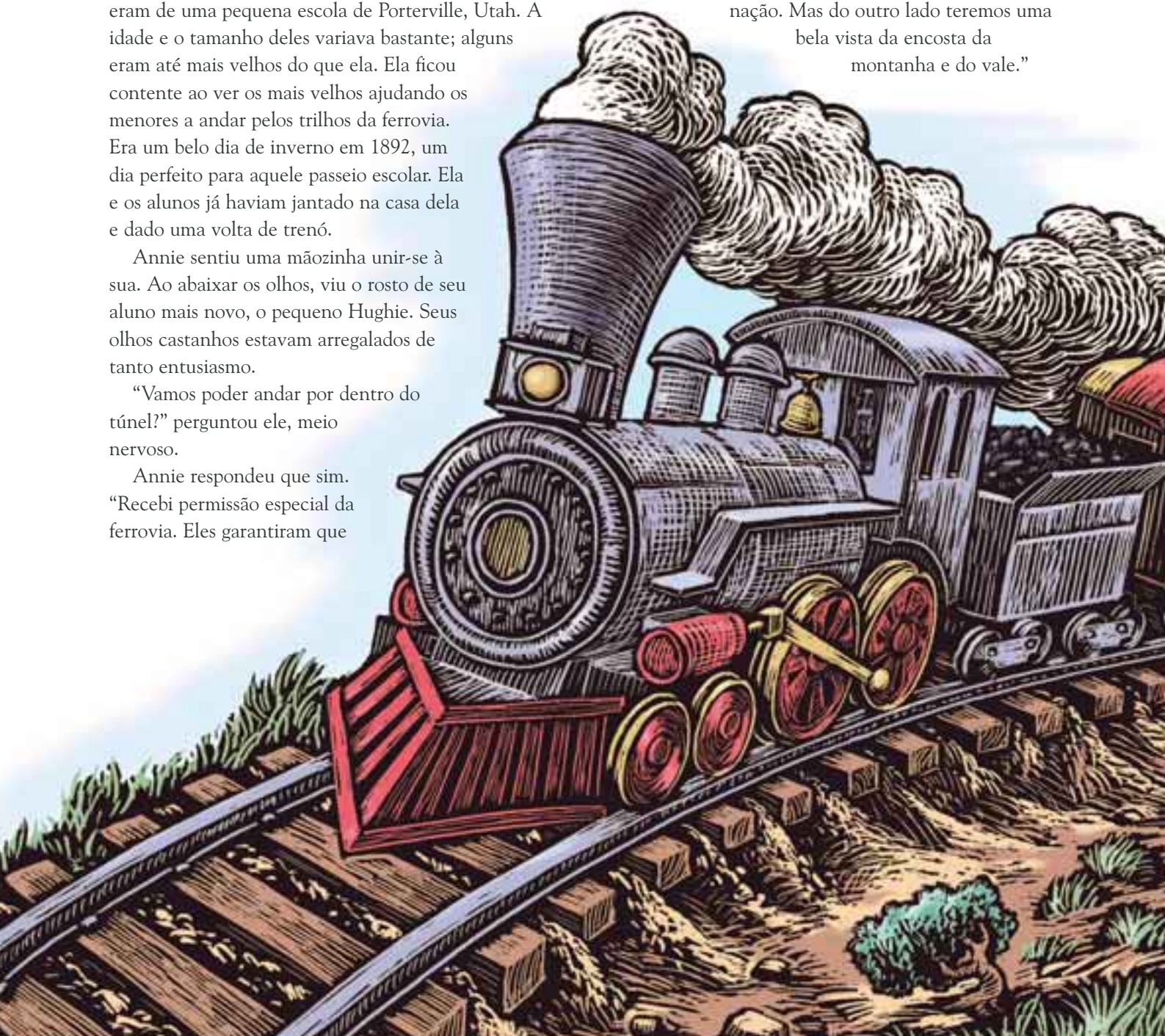
Annie Smith, de dezoito anos de idade, apertou o cachecol em volta do pescoço e olhou para trás em direção à ponte ferroviária que ela e seus alunos haviam acabado de atravessar. Os alunos eram de uma pequena escola de Porterville, Utah. A idade e o tamanho deles variava bastante; alguns eram até mais velhos do que ela. Ela ficou contente ao ver os mais velhos ajudando os menores a andar pelos trilhos da ferrovia. Era um belo dia de inverno em 1892, um dia perfeito para aquele passeio escolar. Ela e os alunos já haviam jantado na casa dela e dado uma volta de tremó.

Annie sentiu uma mãozinha unir-se à sua. Ao abaixar os olhos, viu o rosto de seu aluno mais novo, o pequeno Hughie. Seus olhos castanhos estavam arregalados de tanto entusiasmo.

“Vamos poder andar por dentro do túnel?” perguntou ele, meio nervoso.

Annie respondeu que sim. “Recebi permissão especial da ferrovia. Eles garantiram que

nenhum trem passará por aqui hoje, então não haverá perigo algum.” Ela olhou a abertura escura do túnel que estava logo à frente, na montanha. “É um túnel comprido e escuro, Hughie, e lá dentro não há iluminação. Mas do outro lado teremos uma bela vista da encosta da montanha e do vale.”



Hughie suspirou e sorriu. As palavras de Annie apaziguaram seus temores. Agora, puxando-a pelo braço, ele disse: “Vamos, professora. Vamos lá ver o vale”!

Pouco depois, eles já estavam todos dentro do túnel. Nossos olhos demoraram um pouco para ajustarem-se à escuridão depois de sairmos da luz do dia. “Andem devagar”, disse Annie. A voz dela ecoou pelo túnel. “Permaneçam nos trilhos e andem de mãos dadas para não caírem.”

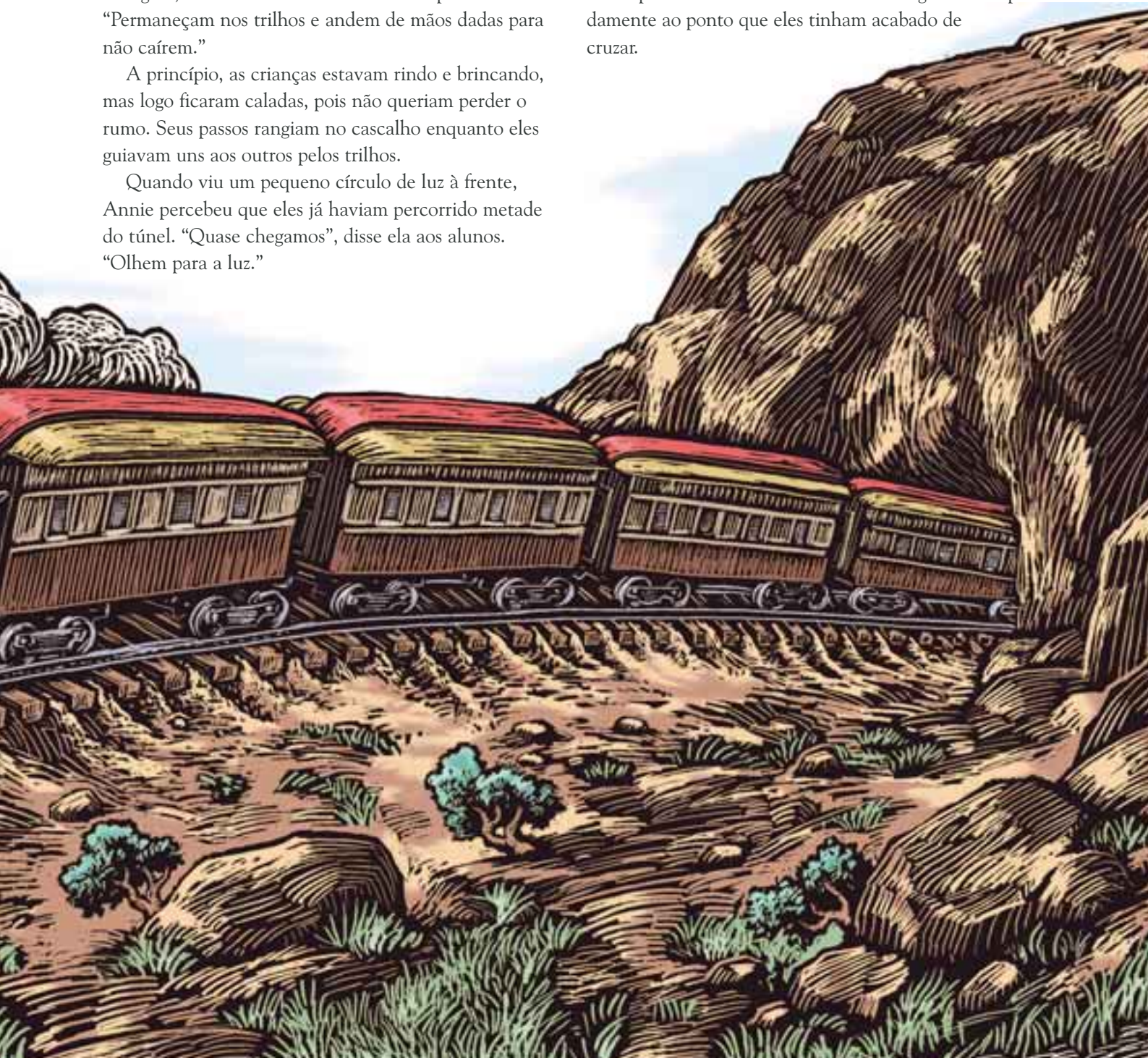
A princípio, as crianças estavam rindo e brincando, mas logo ficaram caladas, pois não queriam perder o rumo. Seus passos rangiam no cascalho enquanto eles guiavam uns aos outros pelos trilhos.

Quando viu um pequeno círculo de luz à frente, Annie percebeu que eles já haviam percorrido metade do túnel. “Quase chegamos”, disse ela aos alunos. “Olhem para a luz.”

Quando eles pararam para olhar, ouviram um ruído estridente atrás deles e depois um som que os deixou apavorados: o apito de um trem.

“Professora?” Era a voz de Hughie. “Você ouviu?”

Annie pediu que ele parasse de falar. Ela estava aterrorizada e temia acreditar no que ouvia. Mas o apito soou novamente, dessa vez mais perto. Havia um trem aproximando-se da montanha e dirigindo-se rapidamente ao ponto que eles tinham acabado de cruzar.



Annie fez uma oração silenciosa suplicando ajuda. *Por favor, Pai Celestial, o que devo fazer?*

“Professora?” perguntou uma criança mais velha. “Será que devemos correr?”

Eles já começavam a sentir os trilhos vibrar sob seus pés.

“Não!” Orientou Annie. Parecia que as palavras estavam saindo sozinhas dos lábios dela. “Deitem-se todos de uma vez o mais perto possível da parede. Não se mexam nem tentem levantar-se até eu mandar. Agora!”

Ela precisou gritar na última palavra, pois o ruído do trem já estava muito próximo. Ela empurrou o menino que estava junto a ela para a parede do túnel e abraçou-o firmemente. Quando o trem entrou

ruidosamente no túnel, muitas das crianças gritaram, dominadas pelo pavor. As chaminés do trem soltaram faíscas, e a fumaça quase as sufocou. Parecia que o trem nunca ia terminar de atravessar o túnel. Annie tremia e apertou ainda mais fortemente o menino ao qual estava abraçada, com medo de perdê-lo no vento forte e quente produzido pelo trem.

Quando o trem finalmente saiu do túnel, ela ajudou o menino a levantar-se, e juntos correram rumo à luz. Ela estava indo o mais rápido que conseguia, tropeçando nas pedras e ajudando os demais alunos, que também corriam para sair da escuridão.

Logo que saíram do túnel, uma das crianças maiores perguntou: “Onde está Hughie?”

Acompanhada de alguns meninos mais velhos, Annie voltou ao túnel escuro, com medo do que poderia vir a encontrar. Os meninos foram na frente, gritando o nome de Hughie: “Ele está aqui!” disse um dos meninos, com grande alívio na voz. “Ele ainda está encostado na parede.”

Annie ouviu outro menino tranquilizando-o. “Está tudo bem, Hughie. O trem já foi embora. Pode levantar agora.”

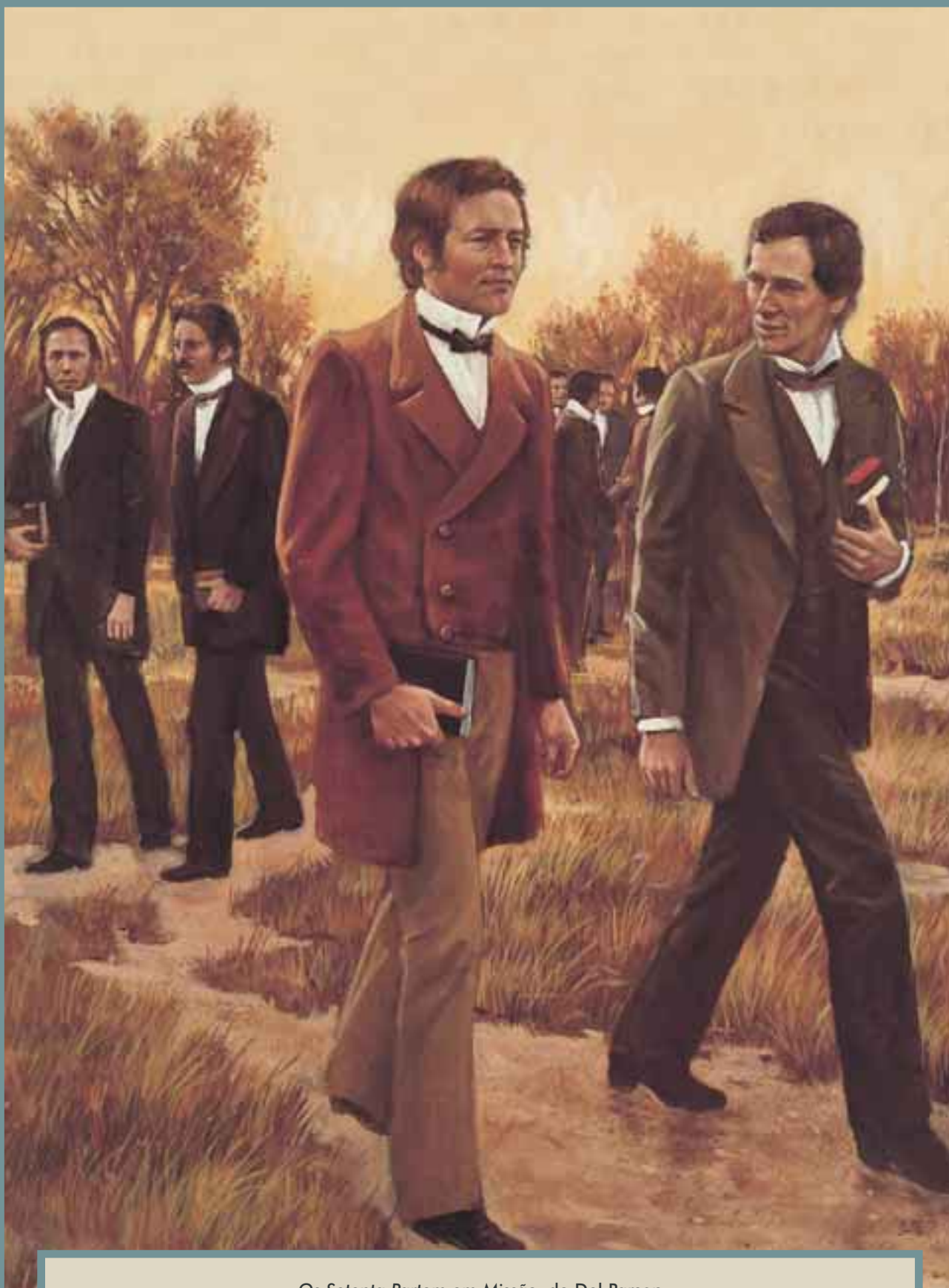
Hughie voltou o rosto na direção deles e perguntou com uma voz corajosa, ainda que assustada: “A professora disse que posso?”

Annie correu até ele e abraçou-o. “Ah, Hughie”, exclamou ela com lágrimas nos olhos. “Obrigada por ser tão obediente. Você fez a coisa certa, e está são e salvo. Pode levantar-se agora. A professora disse que pode.”

Hughie pôs-se de pé, e Annie tomou-o pela mão e conduziu-o em direção à luz. Ela fez uma oração silenciosa agradecendo ao Pai Celestial por cuidar daquele menininho que tinha tanta fé em sua professora. Ela esperava ser sempre digna de tamanha confiança.

Annie sabia também que sua confiança no Pai Celestial fora recompensada. Sua oração fora respondida quando ela disse aos alunos o que precisavam fazer para ficarem em segurança. Eles foram poupados por seguirem imediatamente aquelas instruções. Existe segurança na obediência. Essa foi uma lição que Hughie, os outros alunos e a professora jamais esqueceram. □





Os Setenta Partem em Missão, de Del Parson

"Os Setenta também são chamados para pregar o evangelho e ser testemunhas especiais junto aos gentios e em todo o mundo." (D&C 107:25)



“As ordenanças sagradas são ordenadas por Deus. Elas são essenciais para nossa salvação e exaltação. Por meio das ordenanças sagradas do evangelho, aprendemos acerca de Seu reino e acerca Dele, fazemos convênios sagrados e eternos e recebemos uma investidura de poder divino em nossa vida.

Todas essas coisas nos aproximam de Cristo para que nos aperfeiçoemos Nele.” Ver Élder Dennis B. Neuenschwander,

“Ordenanças e Convênios”, página 16.